CINEARTE

ANNO VII N. 311
RIO DE JANEIRO, 10 DE FEVEREIRO DE 1932
Preço para todo o Brasil 1$500

MADGE EVANS

RICHARD DIX
E IRENE DUNNE
CINEARTE

CLAIRE DODD DIZEM QUE E' O MAIS LINDO PERFIL DE BEVERLY HILLS...

SE louvamos a iniciativa das pessoas interessadas nos assumptos cinematographicos, indo á presença do chefe do governo solicitar providencias que minorassem os effeitos da crise por que passa o cinema entre nós, reflexo aliás do que no mundo inteiro acontece; se nem uma restricção oppuzemos aos termos de sua representação que consubstanciava varias idéas pelas quaes nos vimos batendo destas columnas, muitas dellas aqui exclusivamente havendo tido origem; o mesmo já não podemos dizer da segunda representação tambem entregue ao chefe de Estado de firmada pelo presidente e pelo secretario da Associação Cinematographica Brasileira.

Essa segunda representação já nos poz o sal na molleira.

Affinal de contas o que de sua leitura póde a gente deprehender é que a referida associação só quer vantagens; onus nem um.

Ora é isso ir de encontro ao pensamento do chefe de Estado que, se mandou estudar o assumpto, foi exclusivamente para que a collectividade viesse a usufruir algum resultado util das medidas de protecção que o governo proventura resolvesse conceder aos commerciantes cinematographicos.

Conceder favores apenas pelos bellos olhos dos interessados seria cavar a ruina das finanças publicas, porquanto todos os outros commerciantes solicitariam favores identicos e não haveria justiça se lhes fossem elles recusados.

O que a commissão nomeada para estudar o assumpto propoz ao governo foi uma cousa perfeitamente justa.

Diminuição nos onus aduaneiros para o Film impresso estrangeiro; agravação na taxa de censura para fins exclusivamente educacionaes; creação da censura federal; isenção de direitos para o Film virgem e para o impresso educativo; obrigatoriedade nos programmas da inserção de Films educativos e quando nossa industria nacional de Film avultar a sua producção do Film brasileiro.

Parecia que os interessados haviam ficado plenamente satisfeitos com isso. Quanto louvor ouvimos á iniciativa da creação da censura federal que, quando lançada duas columna ha mais de dez annos só mereceu criticas acerbas dos mesmos que hoje a louvam!

No segundo memorial, ou memorial-complemento, supplemento, additivo ou que melhor nome tenha já se não nota o mesmo enthusiasmo.

E' que a constituição da censura tal como está no decreto em poder do chefe de Estado talvez não sorria aos interessados.

Elles desejam de facto, e nisso vêem uma grande utilidade que a censura seja uma só, para todo o territorio brasileiro; mas, desejando essa unidade, "preferem" que ella se faça como actualmente atravez o apparelhamento policial do Districto Federal como se esse apparelhamento fosse um orgão federal, que absolutamente não é.

Os interessados já se habituaram ás facilidades, ás commodidades da censura policial; e por isso lembram ao Chefe de Estado que extenda a censura policial do Districto séde da Capital do Paiz a todo o territorio deste.

Isso seria inutilizar por completo todo o trabalho feito.

Toda gente sabe que censura cinematographica policial só existe para a percepção de vantagens a uma meia duzia de censores.

Se os Films que passam nos cinemas do Rio de Janeiro fossem na realidade censurados, seria o caso da duvidar a gente da integridade mental dos censores.

O apparelhamento policial da censura cinematographica é falho e inutil.

Censura policial dos Films só existe no Brasil, em Portugal e na China.

Todos os mais paizes confiam essa tarefa a commissões que dependem dos departamentos de governo aos quaes se subordinam os assumptos educativos, como destas columnas já demonstramos.

Esse memorial pois serviu apenas para demonstrar a falta de sinceridade com que no primeiro se solicitava á creação da censura federal.

Não podemos pois deixar de condemnal-o como inopportuno, desastrado e talvez de desastrosos effeitos para seus autores.

RISCOS PARA BORDAR E ARTES APPLICADAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa do Ouvidor, 34 — Caixa Postal, 880 — Rio

Mensario do lar que apparecerá nos dias 15 de cada mez, ao preço de 2$000 em todo o Brasil.

um mensario de 20 paginas, no formato de 30 x 43 e dois supplementos com quatro paginas no formato de 65 x 95 com os mais encantadores riscos para bordados ou artes applicadas.

ARTE DE BORDAR, o mensageiro dos mais suggestivos modelos para o encanto do lar, para a manifestação legitima da arte que nasceu quando as primeiras tecedeiras idealizaram as teias de prata dos véos imperiaes do paiz da lenda.

ARTE DE BORDAR, um mundo de creações maravilhosas que os dedos de rada da mulher brasileira tornarão em primores para a "toilette" e para o interior do lar. Uma publicação unica, talvez, no genero, a inspiradora da arte feminina em todos os lares do Brasil.

ARTE DE BORDAR, verdadeira publicação artistica que será indispensavel em qualquer logar onde a arte feminina quizer se impôr na elegancia maravilhosa de qualquer confecção.

ARTE DE BORDAR, em resumo, o jornal da mulher, o jornal do lar.

A' venda em qualquer livraria, casas de figurinos, agencias e vendedores de jornaes em todo o Brasil.

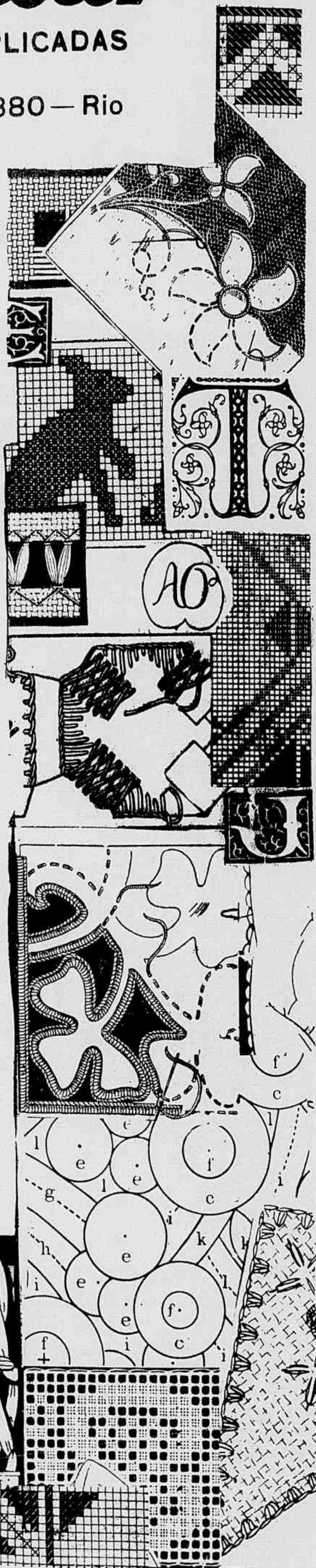
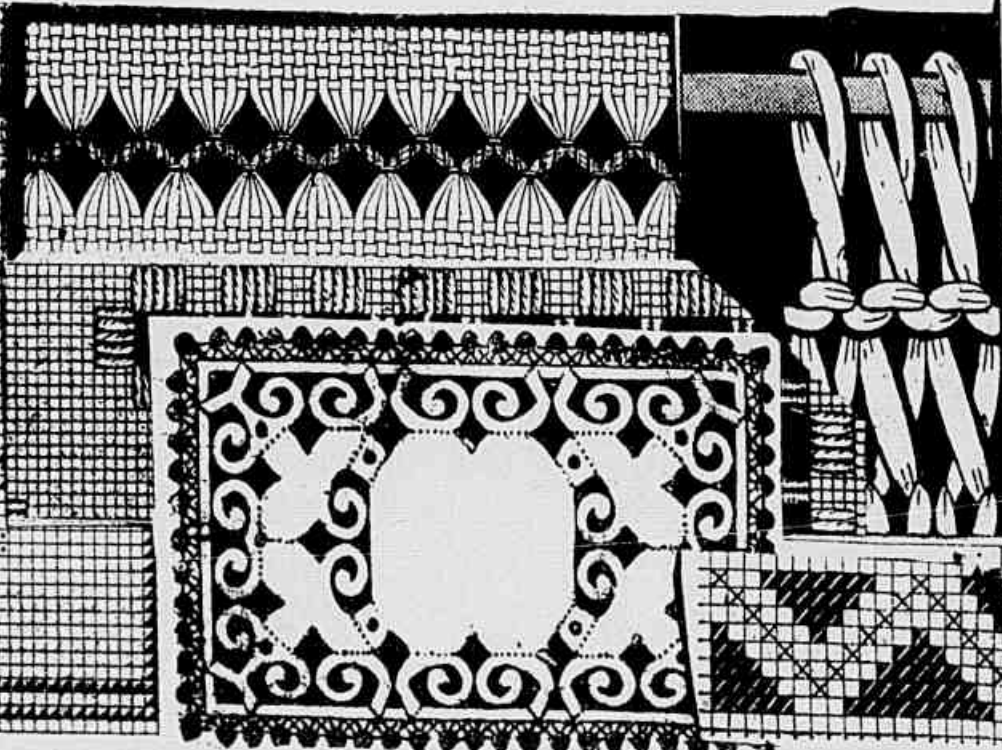
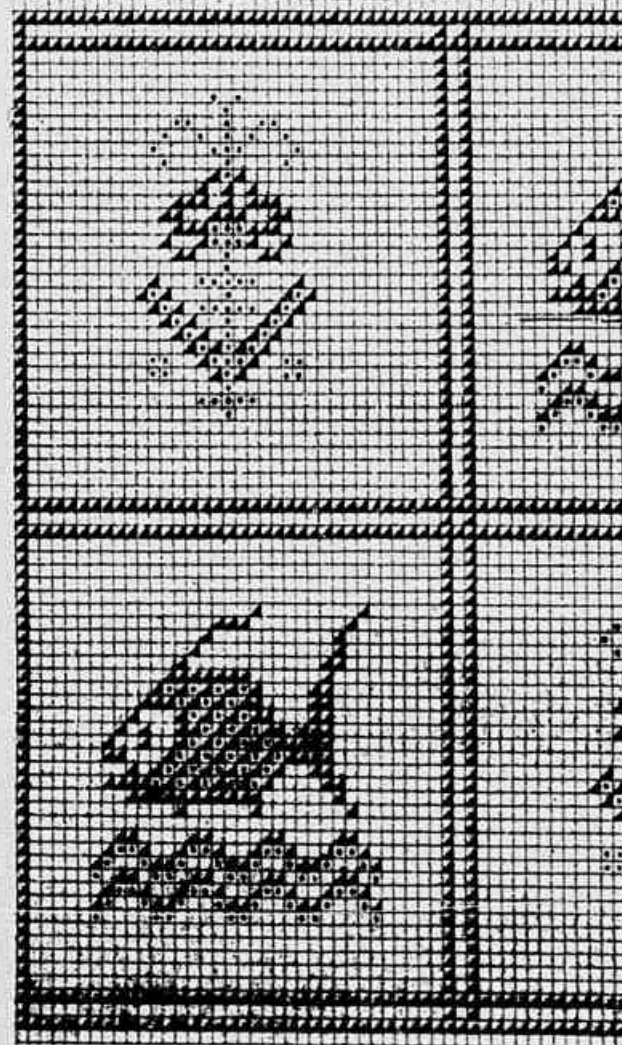
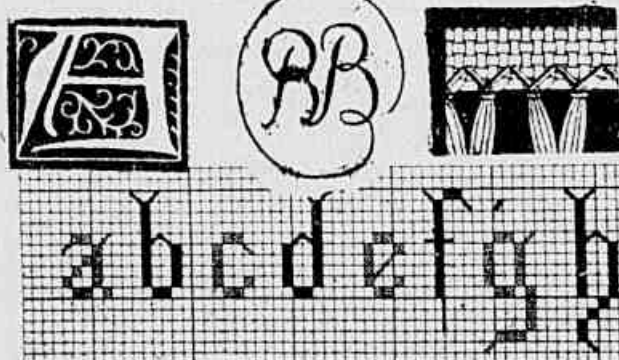
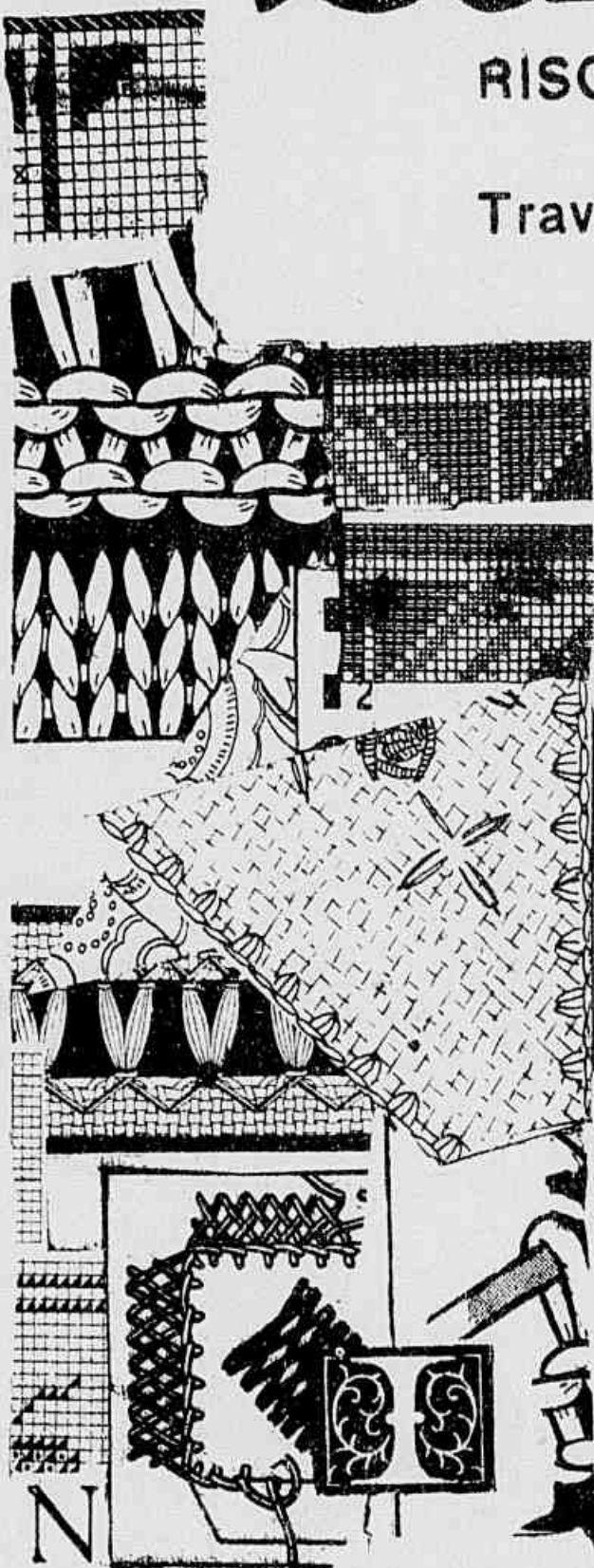
PEDIDOS DO INTERIOR

Sr. Gerente de **Arte de Bordar**, Caixa postal 880 — Rio.

Envio-lhe
- 2$000 para receber 1 numero,
- 12$000 " " durante 6 mezes
- 24$000 " " " 12 "

Nome ....

Ender. ....

Cid. .... Est. ....

DURANTE o anno de 1931, segundo o nosso registro e se não nos falham os nossos apontamentos, foram exhibidos na Capital Federal 408, Films, sendo que

OITO DIRIGIDOS POR J. P. Mc. Gowan.
SEIS DIRIGIDOS POR Roy Del Ruth.

Os seguintes apresentaram cinco Films cada um: Edward Sloman, Harry Beaumont, George Fitzmaurice, John Gromwell e Robert Leonard.

Os seguiuntes directores, quadro: Archie Mayo, Bert Glennon, Charles F. Riesner, Hamilton Mac. Fadden, John Francis Dillon, Leo Mc. Carey, Lloyd Bacon, Ray Enright, Robert De Lacy, Sam Wood e Vim Moore.

Os seguintes tres: Alfred Santel, Alan Dawn, Albert Ray, Dorothy Arzner, Edward Sedgwick, Fred Newmeyer, Frank Borzage, George Hill, George Archaimbaud, Howard Bretherton, Henry Mac. Rae, Irging Cummings, Jack Conway, John Blystone, Josef von Sternberg, Louis King, Mervyn Le Roy, Mario Bonnard, Robert Hill, Raoul Walsh, Tob Browning, William A. Seiter, William Beaudine, William J. Craft e David Howard.

Os seguintes, dois: Alfred Werker, Alexandre Korda, Alan Crosland, A. R. Erickson, Berthold Viertel, Benito Perojo, Cecil B. De Mille, Clarence Badger, Clarence Brown, Charles Brabin, David Buttler, Edwin Carew, E. A. Dupont, Emmett Flynn, E. D. Venturini, Edgard Selwyn, Ernst Lubitsh, E. Mason Hopper, Frank Tutle, Frank Lloyd, George Abbott, Guthril Mc. Clintic, Harry Pollard, Hobart Henley, John M. Stahl, John Ford, James Flood, Jack Nelson, King Vidor, Lee Meehan, Malcolm St. Clair, Monta Bell, Ralph Ince, Reevés Eason, R. William Neill, Roland V. Lee, Richard Wallace, Tay Garnett, W. W. Van Dick e William K. Howard.

TRES FILMS DIRIGIDOS PELA PARCERIA, Otto Brower — Edwin K. Knopf.

DOIS FILMS DIRIGIDOS PELA PARCERIA, Leon Mathot — André Liabel.

Cada uma das seguintes parcerias, apresentam um: George Cukor e Louis Gasnier — Richard Thorpe Sidney Agner — F. W. Murnau e R. J. Flaherty — Otto Brower e David Borton — Norman Taurog e Norman Mc. Leod — Leslie Pearce e Lyn Shores — Lawrence Schwab e Lloyd Corrigan — José Carrari e Albert Vidal — Gaston Ravel e Amleto Palermi — Henry Lehrman e Percy Pembroke — Jack Conway e Sam Wood — Abbadir D'Arrast e George Fitzmaurice.

E cada um dos seguintes, apresentaram um: Alezzandro Blasseti, André Hugon, Alfred Rabock, Antonio Leitão, Alexandre Rasmuny, Alberto Cavalcanti, Adelqui Millar, Alexandre Volkoff, Benjamin Stoloff, Charles Hutchinson, Charles Lamont, Carl Froelich, Clyde Bruckman, Carl Lamoe, Charles Chaplin, Charles De Rochefort, Chandler Sprague, Chrysty Cabanne, D'Abbadie D'Arrast, Dudley Mudphy, David W. Griffith, Eward Laemmle, Edmund Goulding, Esnst Laemmle, E. S. Eno, Earl C. Kenton Eugene Forde, Erich von Strohein, Edward Suterland, Eddie Sutherland, Fritz Lang, Fred Niblo, Florian Rey, F. Harmon Weight, Frank Strayer, Gustav Ucicky, Gennaro Righelli, George Cukor, George B. Seitz, George Melford, Hward Hughes, Hal Roach, Harry King, Henry Roussell, Harry J. Brown, Henry Lehrman, Harry Peel, Harry J. Eward, Ivan Abranson, John Adolfi, Jorge S. Koushim, Johannes Meyer, Jorge Infante, John S. Robertson, James W. Horne, Jack Blystone, Kenneth Hawks, Kurt Bernhardt, Karl Grune, Luiz de Barros, Ludwig Berger, Leon Poirier, Leon d'Usseau, Luther Reed, Lou Seiler, Luitz Morat, Lynn Shores, Leonel Barrymore, Lowell Sherman, Leonce Perret, Lewis Millestone, Leitão de Barros, Lloyd Ingraham, Louis Gasnier, Leo Mittler, Maurice Tourneur, Miguel de Zaraga, Marshall Neilan, Melville Brown, Nick Grinde, Norman Taurog, Noel Smith, Octavio Mendes, Phil Goldstone, Paul L. Stein, Pierre Billon, Ralph Ince, Rino Lupo, Richard Boleslavsky, Raymond Cannon, René Goupilliére, Rupert Julian, Richard Oswald, Richard Thorpe, Reginald Barker, Raymond Bernard, René Hervil, Ricard Harlan, Robert Vignola, Robert Land, Robert Eddy, Ralph Graves, René Clair, Ross Lederman, Scott R. Dunlap, Sam Taylor, Sidney Franklyn, Thornton Freeland, Victor Herman, Victor Fleming, Victor Janson, Victor Slaville, Victor Schertzinger, Victor Ribeiro Del Picchia, Walter Summers, Walter Lang, Wesley Ruggles..

E MAIS TRINTA E SEIS FILMS CUJOS DIRECTORES NÃO CONSTAVAM NOS CARTAZES E NOS FILMS.

(Não estão incluidos nesta estatistica os Films de curta metragem, comedias, jornaes, educativos, etc. etc.).

Isaac Bergstein depois de cinco annos como gerente da agencia da Universal em S. Paulo, foi elevado ao cargo de gerente da matriz dessa companhia no Rio. J. B. Bonnewyn, substituiu-o.

Quem não conhece Olga Capri dos aureos tempos do Film italiano. E até hoje, nas mais modernas producções do seu paiz, ella ainda apparece.

DO "DIARIO OFFICIAL DE S. PAULO"

Fallencia de empresas cinematographicas reunidas Ltda.

Reclamação Reivindicatoria

Acham-se em cartorio, á disposição dos interessados os autos da Reclamação Reivindicatoria, requerida por Companhia Cinematographica Brasileira, contra a massa fallida das Empresas Cinematographicas Reunidas Limitadas, para dentro do praso de cinco dias, a contar da data da primeira publicação deste, alegarem e contestarem a mesma reivindicação no que julgarem a bem de seus direitos e interesses. São Paulo, 10 de Novembro de 1931. O 1.º escrivão. — (a.) **Moacyr Salles Avila.**

Marlene e Chevalier no studio.

A mais recente photographia de Olympio Guilherme.

No dia 18 deste mez será inaugurado mais um Cinema no Rio. E' o "Para-todos" a rua Santo Christo, 226 de propriedade do sympathico e conhecido cinematographista Paschoal Giorno, que assim dota o populoso bairro da Saude com uma ampla e confortavel casa.

* * *

Greta Garbo chegou a New York e disse: "Tenho antipathia a maior parte das pessoas. Não estou amando ninguem. Nem jamais me casarei! Os Films são a minha vida. Os new-yorkinos não são delicados e não me deixam em paz. Não sei do principe herdeiro da Suecia, não amo ninguem."

* * *

A crise cinematographica na Italia, é um facto. A Federação de espectaculos publicos, de accordo com todas as empresas, resolveu baixar o preço das localidades nos Cinemas.

REMINICENCIAS:

Uma scena de "Cardinal Wolsey" com Harry Morey, Florence Turner e Norma Talmadge ainda uma figurante.

Sally...

Seu rostinho é agradavel, photogenico. Sua pelle é fina, delicada, ligeiramente sardenta. Seu corpo já foi motivo de commentario de varias pessoas importantes, entre ellas, Florenz Ziegfield, que a quiz glorificar nas suas *Follies*.

Apparenta dezesete annos e está pelos vinte e um. Tem uma filha de oito annos. Isto é: — é filha do primeiro casamento de Hoot Gibson e da qual ella está cuidando com um carinho absolutamente maternal, já que é madrasta da pequena e quer ser madrasta exemplar.

Bad Girl foi um Film que a poz no mappa do successo definitivamente. Até o dia da exhibição desse Film, pouca gente fazia fé em Sally Eilers. Pouca, realmente! Mas o seu trabalho impressionou de fórma insophismavel.

Ella nasceu em New York, de gente que não descende absolutamente de theatro. A sua familia foi á California occasionalmente, passar um verão. Nessa epoca Sally tinha apenas seis annos e, depois disso, jamais a deixou a idéa fixa de ser uma *estrella*.

Nessa epoca a familia Eilers encontrou-se no Alexandria Hotel com Charlie Chaplin e Sally, interpellando-o, pediu-lhe que lhe desse um logar de *estrella* num dos seus Films. Carlito achou muita graça na menina e disse que um dia ainda faria por ella qualquer cousa.

Mais tarde, durante outras férias em Los Angeles, encontrou-se a familia Eilers com Anita Stewart. Interessada nas possibilidades infantis da activa Sally que era tão pequenina e tão espertinha, ao mesmo tempo, procurou ella conseguir um *test* para a pequena. Numa tarde de domingo, Sally, com sua primeira maquillagem, estava preparada para o seu primeiro *test*. A's cinco, diante de uma *camera* Sally moveu-se e fez tudo quanto lhe pediram, diante de sua feliz mãe, do descontente pae e do aborrecido irmão, tambem.

O *test* não agradou. Sally acabou concordando com o pae que seria mesmo melhor continuar no collegio e na vida particular, sem se metter em representações. Ella conservou a idéa de um dia retornar á actividade artistica para a qual se sentia impellida, mas nada disso disse ao pae.

Em 1926 sua familia dirigiu-se a Hollywood. Sally graduara-se na escola superior Fairfax. Nessa epoca, a fortuna particular da familia Eilers soffreu um abalo. O pae queria que ella continuasse os estudos, mas ella e elle proprio sabiam que dinheiro não havia para que esses caros estudos fossem continuados.

Em vez de seguir para o collegio na indumentaria requerida, Sally decidiu ser aquelle o momento psychologico para começar a sua carreira.

Depois de um curso rapido de stenographia, Sally resolveu por de lado a mascara e falar abertamente ao pae. Sendo elle, felizmente para ella, um pae intelligente além de bom, consentiu que ella fizesse aquillo que lhe parecia opportuno.

Sally e seu paezinho.

O seu chapeuzinho em "Bad Girl"

Ella teve, da parte delle, seis mezes para tentar. Se ao fim desse tempo nada tivesse ella conseguido, voltaria á elle e tornaria ao collegio, custasse o sacrificio que custasse.

Os primeiros cinco mezes, Sally passou-os com pequeninas e quasi insignificantes cousas para fazer. Era talvez menos do que *extra*, porque apenas figurava em atmospheras.

Crendo, desanimada, que estava procurando cavar um nicho numa parede de granito, resolveu ella de facto voltar ao collegio e de vez abandonar esse negocio que lhe parecera tão facil e que, afinal, era tão absurdamente complicado. Foi nesse instante psychologico da sua vida que ella almoçou um dia com Carole Lombard, num *lot* de Mack Sennett.

Alice Day, naquella epoca, tinha deixado o *lot* e elles estavam precisando de uma outra pessoa pequena. Foi ahi que, sem querer, lhe deram o *test* tão querido, ambicionado e esperado.

Quando faltavam duas semanas, apenas, para ella terminar o prazo fixado com o pae, tinha ella, afinal, o seu primeiro contracto assignado e, assim, iniciava-se de vez na arte que tanto queria.

O Beijo de despedida, foi um Film de longa metragem planejado por Mack Sennett. Sally teve o papel de heroina. Ella mostrava talento e era muito interessante, além disso. Era uma promessa embryonaria, sem duvida, mas já era uma promessa e isso significava muito.

A sua carreira, no emtanto, provou não ser nenhuma excepção á regra commum. Mack Sennett não fez mais Films de metragem e continuou nos de curta metragem. Além disso, não a queria ceder ás outras fabricas que a queriam para bons papeis, porque *O beijo de despedida* fôra uma promessa que a tornou logo conhecida. Depois de algumas difficuldades entre ambos, assentou-se que o contracto seria annulado e assim se fez.

Nessa epoca, igualmente, rompia ella o seu noivado com Matty Kemp, com o qual figurará em *O beijo de despedida*. Ella estava nos seus dezesete annos e elle tinha apenas vinte. Tinham ficado noivos porque acharam que era romantico. Depois que passou o enthusiasmo, tudo socegou.

Depois de deixar Mack Sennett, Sally começou a trabalhar aqui e ali, sem fabrica certa e tendo apenas curtos contractos de nunca mais de seis mezes. Os papeis que lhe davam eram sufficientes para manter o seu prestigio e com isso ia-se ella equilibrando.

Hollywood começou a gostar della. Ella era tão alegre, tão camarada, tão sincera. Os rapazes de Hollywood começaram a estimal-a. Ella era vista em todos os cantos e frequentando os melhores logares. A sua emoção mais forte, desse periodo, foi quando Charles Rogers convidou-a para assistir juntamente com elle uma *première* importante,, em Los Angelos. Mas quando chegaram ao theatro, o *speaker* disse ao microphone: — "Charles Rogers entrando em companhia de uma pequena com chale hespanhol". Comprehendeu ella, nessa phrase, que ainda era uma illustre desconhecida.

Houve um periodo, depois disso, em que ella foi conhecida como "as pernas do *lot* da Fox". E' que sempre eram suas pernas, aliás perfeitas, as usadas quando se tomavam *close ups* e as *estrellas* não as tinham bonitas e adequadas...

Depois de uma serie de papeis de heroina ao lado de Buster Keaton, e, tambem, um papel com Norma Shearer em *Gosemos a vida*, contractou-a a Fox para o papel principal feminino de *Quick Millions*.

Reconhecendo que seu papel nesse Film fôra perfeito, a Fox deu-lhe o primeiro papel em *Bad Girl*, o de protagonista, aliás.

Outra cousa que preoccupava Hollywood, a respeito da *estrellinha*, era a sua mania de

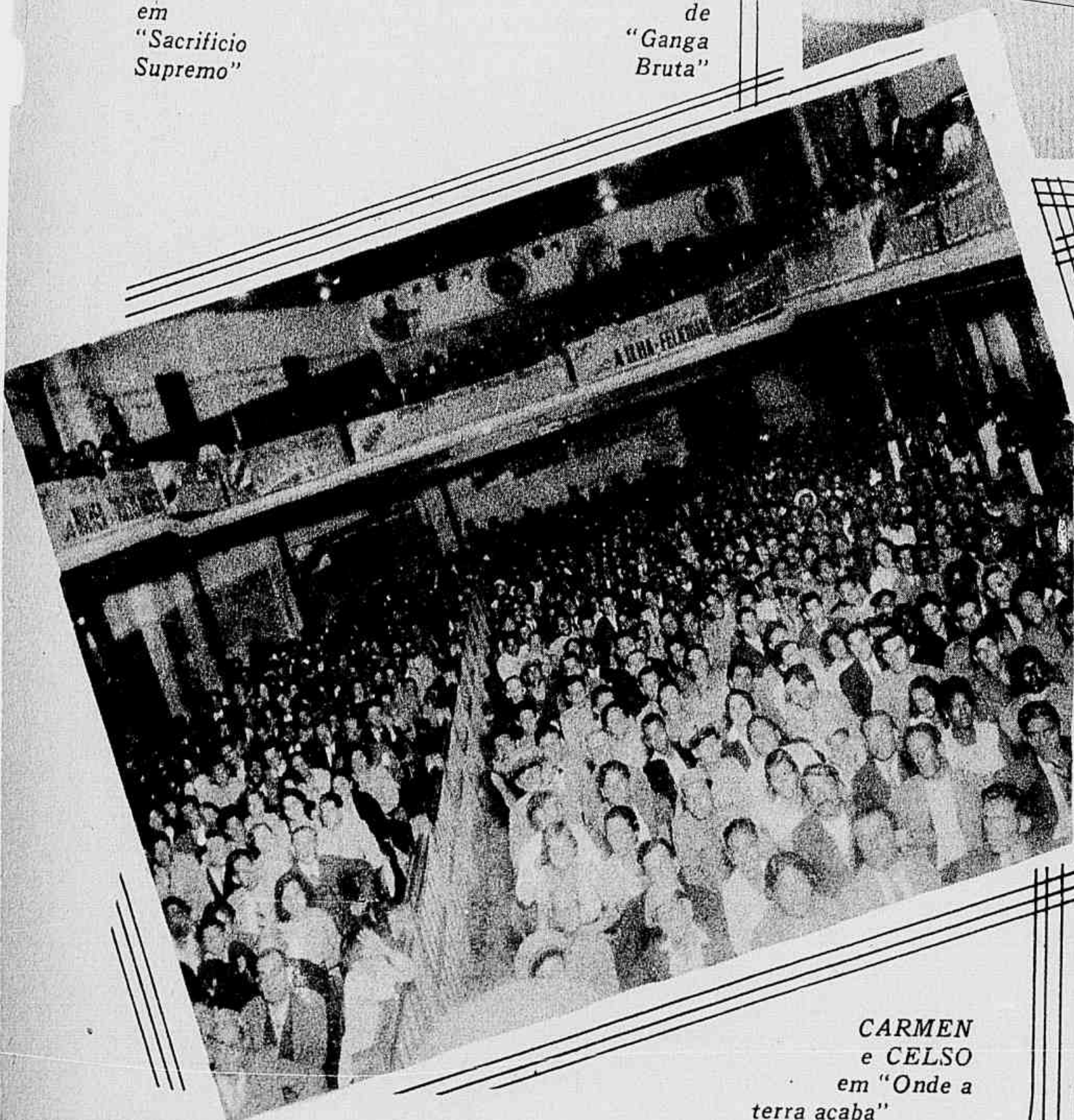
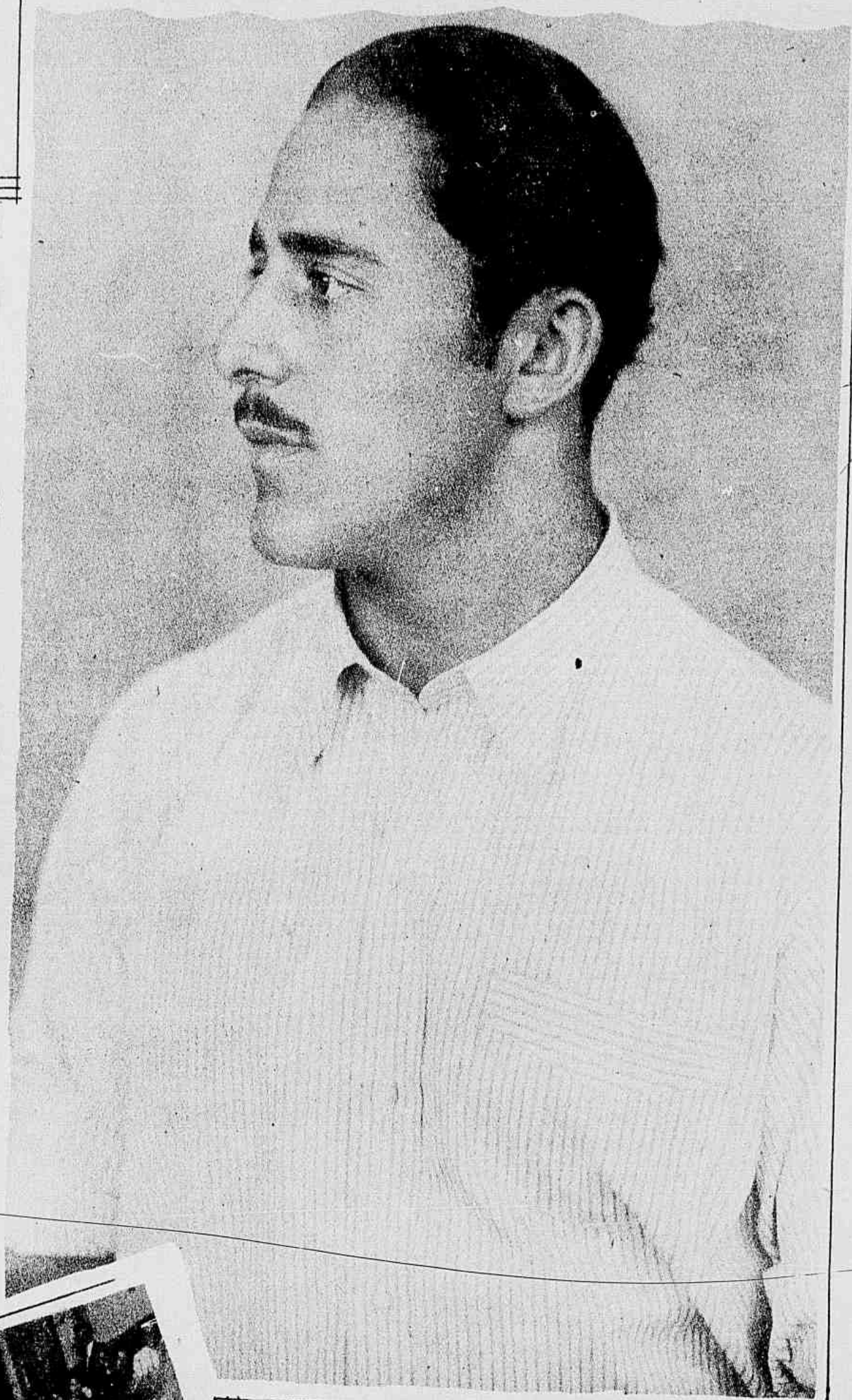
(Termino no fim do numero).

Mais algumas scenas de "Delicious" com Roulien Janet Gaynor.

Cinema Brasileiro

RONALDO DE ALENCAR, apparecerá em "Sacrificio Supremo"

DURVAL BELLINI, o protagonista de "Ganga Bruta"

Aspecto do Cine-Madureira na noite da estréa de "MULHER". Milton Maia, presidente da Sociedade Brasileira de Cinematographistas Amadores" local, fez uma saudação ao Cinema Brasileiro e a "Cinédia".

CARMEN e CELSO em "Onde a terra acaba"

AS SUAS DAHLIAS FORAM PREMIADAS...

IRENE DUNNE...

MARIDOS FARRISTAS — (Party Husbands) — Film da First National — Producção de 1931.

Dorothy Mackaill sempre é interessante e tem o seu publico. Antigamente, quando o Cinema não falava, ella já era notavel e teve, mesmo, papeis admiraveis (lembram-se de *Sangue de Bohemio*, por exemplo?) Agora, mais gorda e com mais alguns annos, dá outro aspecto e embora continue sendo a mesma esplendida artista que todos conhecem, não é melhor do que já foi. Neste Film, por exemplo, todo convencional e penso para o aspecto caracteristico das historias inconfundiveis de Ursula Parrott, ella tem boas opportunidades e se bem que viva uma personagem puramente Cinematographica, salva com seducção e belleza a pouca probabilidade do Film convencer.

James Rennie continua sendo galã e ainda o teremos em alguns Films até que se afaste do Cinema. E' frio e inexpressivo. Agrada no theatro, porque representa para platéas anglo-saxonicas, de preferencia e geralmente. Mas com a sua fleugma, a sua cara inexpressiva, o seu socego britannico, não terá tantos *fans* assim no Cinema... Não chega a comprometter o seu papel, mas fal-o sem enthusiasmar ninguem.

Donald Cook tem um desempenho bom e revela mais uma vez a sua personalidade já admirada e apontada em *Casamento singular*.

Dorothy Peterson não acreditamos que commovesse nem um homem bebado, emfim... Paul Porcasi, Helen Ware, Mary Doran, Joe Donahue, Barbara Weeks e Gilbert Emery figuram.

Clarence Badger dirigiu. Geoffrey Barnes escreveu o argumento e Charles Kanyon scenarizou-o.

Cotação: — BOM.

ALMA DE LODO — (Little Caesar) — Film da First National — Producção de 1930.

Mais um Film de *gangsters*. O typo principal que sobe dos assaltos aos postos de gazo-

Gary e Carole em "A mulher que Deus me deu"

lina até ao cargo immediato ao "chefe supremo". O casal que se ama e vê o amor cercado pela acção dos quadrilheiros. Os rivaes. As fuzilarias. A morte do mal e a victoria do bem, no final. E é isso.

Francamente, nenhuma originalidade tem este Film, principalmente exhibido atrazado, isto é, depois de outros que foram já feitos depois delle. Alguma cousa marca a direcção de Mervyn Le Roy, principalmente certas composições originaes e um andamento rapido para o scenario. Apesar disso, Mervyn, que é intelligente e tem um brilhante futuro diante da sua mocidade, não conseguiu fazer nada de formidavel, a não ser, tambem, arrancar de Edward G. Robinson uma interpretação boa.

Glenda Farrell, a unica pequena que figura com certo realce no Film, é um susto de feiura e, com sinceridade, não faria falta alguma ao elenco.

Argumento de W. R. Burnett. Scenario de Francis Edward Faragoh.

Cotação: — BOM.

FASCINORAS — (The Homicide Squad) — Film da Universal — Producção de 1931.

Não sei que impressão possam dar aos leigos estes Films sobre *gangsters*. A crueldade com que matam, a liberdade com que agem, o cynismo com que roubam-se uns aos outros até chegar o momento da victoria da justiça, é cousa que dá um aspecto bem desagradavel ao espectador. E' preciso uma excellente disposição de espirito para presenciar frios assassinatos e crueis morticinios. Ainda que se

Edward Robinson a alma de lôdo...

saiba que aquillo é "representado", o sabor da maldade é mais forte do que o ficticio. Eis porque os Films de *gangsters* já começam a serem combatidos violentamente nos Estados Unidos e, aqui, os que agora nos chegam, a se tornarem enfadonhos. E nenhum se fez, ainda, que supplantasse *Paixão e Sangue.*

Fascinoras não offerece novidades. A direcção de George Melford é usual e apenas se salienta em algumas composições de bonito effeito, como o assassinato de Ralph Bellamy, por exemplo. Fóra isso, é mais uma historia de um amor cercado de metralhadoras, delatores que morrem baleados, combates em quadrilheiros, policia em scena e a victoria do bem, afinal. Nada de novo, portanto.

Na interpretação, Leo Carillo e Noah

Dorothy e James em "Maridos farristas"

Berry rivalizam-se. Leo tem mais opportunidades e approveita-as bem. Noah Beery é da policia, esta vez e apenas em um ou dois *close ups* põe o seu exaggero facial tão nosso conhecido. Nas outras occasiões, bom.

Mary Brian é a pequena. Russell Gleason, o galã.

O assassinato daquelle delator e os canticos do exercito da salvação que se ouvem pouco distantes, é uma originalidade interessante em som applicado ao bom Cinema. Boa, tambem, a scena em que Noah Beery chega-se ao filho morto.

Cotação: — BOM.

:-: *Rapaz Bonito,* com Eddie Gribbon e Slim Summerville, da Universal, uma comedia excellente e bem engraçada. *O Caçador,* bom desenho com o Coelho Oswaldo. Bom complemento.

A MULHER QUE DEUS ME DEU — (I Take This Woman) — Paramount.

Um Filmzinho que pode ser visto. Carole Lombard está bonita e Gary Cooper muito magro.

Cotação: — BOM.

ORIENTE E OCCIDENTE — (Oriente occidente) — Universal.

E' a versão hespanhola do Film já anteriormente exhibido no "Capitolio" — "Prohibida de amar" (East Is West), com um novo elenco e outro director.

Seguindo a fórma do costume nestes casos, o "scenario" é o mesmo da primeira versão. Lupe Velez, nos pareceu melhor desta vez. Trabalhou com mais desembaraço, viveu o papel com mais naturalidade e disse tudo com mais firmeza, talvez porque se tratasse do seu proprio idioma. O Film corre bem sem cacetear o espectador, havendo sómente uma sequencia um pouco longa — a da recepção que a familia de Barry Norton dá para apresentar a futura esposa de seu filho. Aquella "cavalheira" gorda canta muito...

Barry Norton, não vae mal e está mesmo mais amoroso que Lew Ayres na primeira versão. Marcella Nivon, André Clerion, José Sorian Villesa, Lucio Villegas e outras figuras do elenco hespanhol, tomam parte. George Melford foi o director desta versão e o seu trabalho nada fica a dever ao do seu collega Monta Bell que foi o responsavel pela primeira.

Cotação: — REGULAR.

:-: "Beast of the City" é o titulo definitivo de "City Sentinel", Film que Charles Brabin está dirigindo para a Metro Goldwyn-Mayer e que tem no elenco os seguintes nomes: Walter Huston, Jean Harlow, Jean Hersholt, Dorothy Paterson, Carol Nash e Warner Richmond.

MADGE EVANS,
uma menina prodigio dos velhos tempos da World. Feia, sem graca ! Como os tempos mudam !

Billie
Dove

Marion
Shilling

Dolores

Kay...

Ethel
Kenyon

Clarck Gable, o galã ideal...

Ainda e sempre Clark Gable. Está na moda. Clark Gable, o novo cavalheiro... As pequenas adoram-no. Ha annos, as pequenas adoravam da mesma forma um idolo que se foi: — Rudolph Valentino. Ellas não só o adoravam. Faziam por elle até disparates. Não houve uma só mulher, no mundo, que depois de ver Valentino não lhe dedicasse uma profunda paixão. Fingidos uns affectos e sérios, outros, o facto, é que elles existiram e ninguem contestará. Houve loucura por Valentino.

Os homens levavam as namoradas ao Cinema e a discussão era fatal. Quando ellas diziam que Valentino era estupendo, incomparavel, elles protestavam com um fatal "nem tanto" e acabavam achando defeitos horriveis nelle. Valentino, assim, tinha sorte com mulheres. Mas era hostilizado e antipathisado principalmente pelos homens noivos ou maridos...

Lew Cody. As pequenas tambem gostaram delle. Elle teve, durante muito tempo, a fama de ser o melhor "homem borboleta" do Cinema. Depois esqueceram-no por Menjou, um conquistador mais malicioso e mais audaz.

Igualmente foi querido o esplendido e morto tão cedo Wallace Reid. Wallace chegou a ser, mesmo, um dos idolos mais importantes do Cinema e, porque não dizer, o mais importante delles todos, porque naquelle tempo nem se falava em Valentino e, Wallace tinha a vantagem de ser igualmente querido pelos homens. Sua platéa era maior, portanto.

Douglas Fairbanks foi o unico homem que mais ou menos comparou-se a Wallace Reid. Mas não chegou á sua altura, diga-se.

Hoje ha um idolo que cresce vertiginosamente. Clark Gable é o seu nome. As pequenas já o querem com ardor extremado e já estão delle fazendo um idolo que subirá em pouco tempo ás alturas de qualquer John Gilbert ou Ramon Novarro. A sua victoria foi inesperada, rapida segura. Sahiu da obscuridade para a fama num relance. Não lutou muito para ser o que é. Mas já é o sufficiente para ser mundialmente conhecido e mundialmente respeitado. E' a maior personalidade apresentada pelo Cinema falado.

O interessante que se passa com Clark Gable, é que elle é francamente querido de todos e particularmente dos homens. Tem mais *fans* entre os homens, mesmo, do que entre as mulheres. Talvez por ser o mais masculo dos artistas de Cinema, tão masculo quanto John Gilbert, mesmo. Mas o facto é que as mulheres o adoram e os homens têm-lhe grande estima. Elle já tentou Hollywood ha annos. Não deu certo. Hoje elle volta com muito mais segurança, com muito maior possibilidade e o seu pé, esta vez o direito, está firme e bem firme no seu posto.

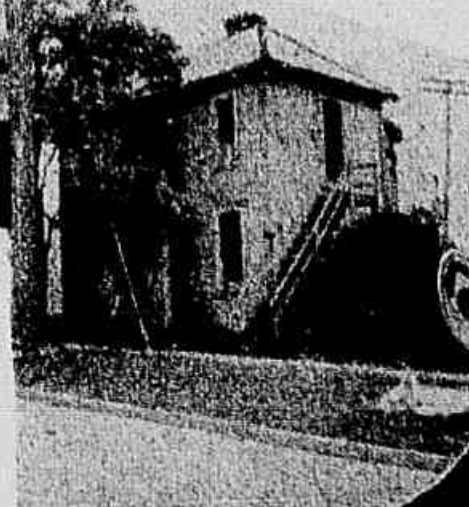
The Last Mile foi a peça theatral que chamou a attenção dos productores de Films para elle.

Tentações do luxo foi o primeiro Film seu que chamou realmente a attenção dos productores. As cartas, depois desse Film, começaram a chover, de todos os pontos do paiz e do mundo todo, tambem. "Dêm ao rapaz da lavanderia uma melhor opportunidade". "Elle merece os melhores papeis. Tem personalidade de sobra." E varias outras considerações.

No elenco da M.G.M., então, elle conseguiu quasi um milagre. Hoje é *astro* e conseguiu isso depois de um primeiro Film importante: — *Susan Lenox*, ao lado de Greta Garbo. Hoje já forma ao lado dos grandes nomes do Cinema e não tardará o dia em que o veremos tão ou mais celebre do que os mais celebres.

O caso de Clark Gable é desses que provam, de sobra, o quanto vale a personalidade e a *chance*, nessa questão de Cinema. Ao passo que ha typos que são esplendidos e se arrastam aos pés da fama, annos e annos, sem nada conseguirem, ha tambem outros, rarissimos, que, como elle, conseguem num relance a fama.

O que elle lutou para chegar ao que hoje é, não somma. Somma-se apenas a sua recente *chance* e a personalidade delle em manter-se á altura da fama que conseguiu rapidamente. Elle lutou, pela vida, como todos lutam. Lew Ayres conseguiu a fama aos dezenove annos. Clark Gable aos trinta. Mas de toda fórma conseguiu-a e hoje tem fortuna, fama e nome de repercussão mundial.

Clark aos dois annos

A casa onde nasceu, em Charles Street, Cadiz, Ohio.

Era bem differente de hoje... em gravata, cabello e orelhas...

Porque Greta

O mais recente dos retratos de Greta Garbo. Já é de "Mata Hari"...

A vida de Greta Garbo é tão particular quanto a de um peixinho num aquario.

Os que a espreitam tomando o seu banho de sol, em casa, estão munidos de **cameras.** E as photographias que procuram tirar, não são para uso pessoal e, sim, para que a vejam todos os **fans** mundiaes de Greta Garbo. Aprofunda-se, desta fórma, o mysterio: — como póde uma mulher ter vida particular tão pouca e, apesar disso, continuar mysteriosa?

Dos seus negocios particulares, Greta Garbo jamais fala. Aliás não precisa falar. O mundo todo fala por ella... A sua vida, para todo mundo, é um livro aberto. Todos nós sabemos que Greta Garbo toma um banho turco por semana e no minimo dois de chuveiro por dia. Clara Bow, por exemplo, era uma artista bem conhecida, mas, francamente, sobre seus banhos ninguem sabia nada.

Ninguem sabe os quitutes preferidos de Pola Negri. Se perguntam os preferidos de Greta Garbo, sentimos profunda alegria, ao ponto de bater as mãos, porque conhecemos todos e os podemos enumerar, facilmente.

Mary Pickford toma café. Mas sabem quantos torrões de assucar ella põe para adoçar ou que especie de creme é o seu preferido? São factos que jamais chegaram ao conhecimento do publico, apesar dos longos annos que duram a sua carreira gloriosa. Mas se perguntarmos o mesmo a respeito de Greta Garbo...

— Naturalmente!

Responderão logo, centenas de pessoas.

— Tres torrões de assucar e nenhum creme.

Richard Barthelmess póde gostar de bifes mal passados. Mas quantas vezes os come por semana? O que aprecia Joan Crawford para o seu **lunch?** Elissa Landi traz o seu **lunch** de casa, preparado, ou compra-o no restaurante do Studio?

Garbo não fala...

Todo fan conhece a sua vida de banheiro. Um banho turco por semana e dois de chuveiro por dia...

Ninguem sabe responder isso. Mas se as mesmas forem a respeito de Greta Garbo... Greta Garbo, a mysteriosa, a desconhecida, a exquisita... As respostas virão bem detalhadas, longas, cheias de pequeninos nadas que provam o quanto a sua vida particular é conhecida do avesso para o direito.

Certa occasião um artista chamou-a de **queridinha** e não durante uma scena do Film. No dia seguinte os jornaes deram a noticia em caracter dramatico e alarmante... Houve um homem, menos conhecido, talvez, mais igualmente importante, que chamou Constance Bennett de **meu coração** e ninguem deu porisso e nem siquer uma ligeira noticia sahiu publicada...

Um escriptor seguiu os passos todos de Greta Garbo, um aum. Acompanhou-a durante o trajecto todo. Anotou tudo quanto ella comprou e o preço que pagou. Procurou descobrir, mesmo, as suas intimas reacções mentaes, aprofundando-se nos seus gestos e nas suas palavras.

Depois escreveu elle um diario com detalhes rapidos. Talvez um milhão de pessoas leu isso...

Muitos homens têm acompanhado Marlene Dietrich pelo Hollywood Boulevard abaixo, certamente, mas ninguem levou caderno algum e nem anotou cousa alguma. Mal tempo havia para contemplar aquelle par de pernas...

Havia varios mezes, num dia de bom humor, Greta Garbo deu uma gargalhada. Fez-se um commentario de pagina e tanto, num jornal principal e todos os outros, tembem, deram a noticia...

Fóra de uma casa de calçados, a dimensão de um pé é assumpto absolutamente proprio a cada pessoa e assim tem sido com todas as artistas de Hollywood. As medidas dos pés de Greta Garbo, no emtanto, têm sido mundialmente mais espalhadas do que as da bocca de Joe Brown...

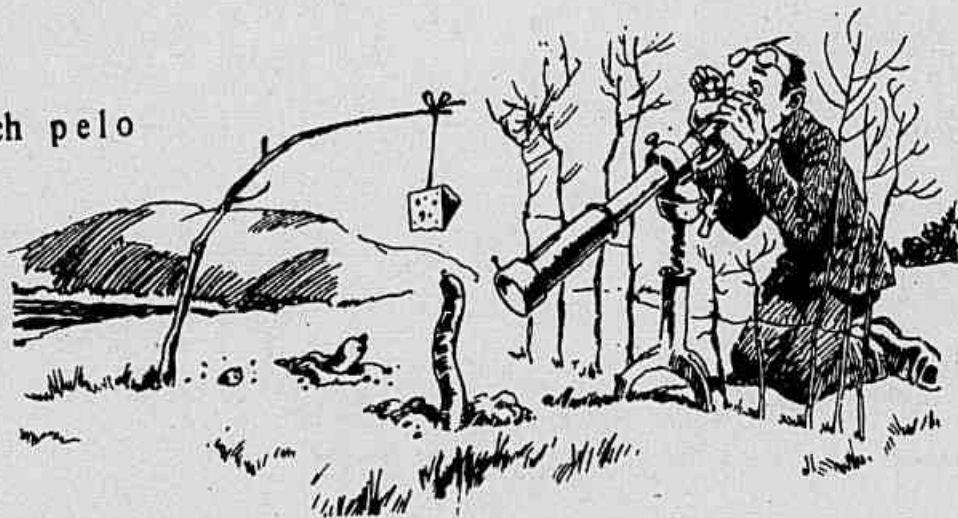
— Greta Garbo ama sua familia!

Traz um jornal em letras grandes. Segue-se, depois, uma historia intima da familia Gustafsson em letras gordas e bem destadas. Quaes são os **fans** que conhecem as intimas historias de Billie Dove, Mary Astor, Ricardo Cortez ou Marion Davies?

Um dia, Greta Garbo disse: — "Bolas!". Esta exclamação fez com que tres reporters occultos, observando-a sempre, corressem ao telephone mais proximo e, esbofeteando-se, quasi, ligassem aos seus respectivos jornaes para transmittirem a sensacional noticia da exclamação popular da **estrella** suéca...

Ruth Chatterton, a aristocratica, certa vez disse: — "eu não me passo para isso", no meio de uma conversa. Ninguem lhe fez nada por isso e nem os jornaes annunciaram cousa alguma...

Têm sido enormes e quasi incontaveis as historias impressas a respeito do envergonhamento de Greta Garbo. Mas ninguem contou que Gloria Swanson ficou um dia todo fechada no seu camarim, só de vergonha de sahir para se encontrar com um grupo de chronistas que a esperavam para cumprimental-a...

Como Calvin Coolidge, Greta Garbo

Mesmo as minhocas do jardim de Greta Garbo, são discutidas e estudadas...

uma vez fez um discurso de cerca de cincoenta palavras. Era dirigido á uma pessoa amiga e dizia o "porque" della jamais ter assistido **Anna Christie** antes de estar representando a peça em Film. Poucos são aquelles que se lembram e se lembraram, naquella epoca, do que disséra Calvin Coolidge. Mas o que Greta Garbo disse, foi anotadinho e sabe-se perfeitamente bem, tanto quanto uma phrase de Lincoln dita em Gettysburg.

O mundo todo conhece o costume de Greta Garbo usar roupas de **sport** e sapatos com saltos razos. Janet Gaynor, Dolores Del Rio e Lilyan Tashman tambem não usam trajes sportivos? Marie Dressler e Irene Rich ou mesmo Elissa Landi, por exemplo, não usam, por acaso, saltos razos?

Cousas corriqueiras como o exercicio que ella faz com uma pesada **medicine ball**, antes de nadar na sua piscina adorada, poderiam tambem ser ditas de muitas outras **estrellas** e outros tantos **astros** que igualmente têm o mesmo habito. Mas a cousa é justamente ahi que para. Ninguem se importa com os outros. Detalhes só interessam quando partem de Greta Garbo...

Todos sabem que ella aprecia assobiar sósinha, quando faz os seus solitarios passeios a pé. Que ella detesta sapatos de abotoar. Que ella odeia falatorios, dentistas e meias. Que fuma cigarros sem nicotina. Tudo isso sabem!...

Quanto a lados mais pessoas da sua vida, escrevem-se cousas embasbacantes.

— Ella jamais experimentou uma sensação sexual, em sua vida!

Escreveu alguem. E o mundo todo soube disso, a seguir...

Disseram-nos, a tempos, que John Gilbert e Greta Garbo amavam-se doidamente. Chegou-se a dizer, mesmo, que varias vezes tinham combinado fugas. Mas **fugir** de Hollywood? Por que? Eis um mysterio... De toda fórma, no emtanto, o caso foi commentado, escripto e espalhado.

Jamais soffreram tamanha dissecação os amores de Carlito ou Casanova, quanto John Gilbert e Greta Garbo.

Hoje em dia, no emtanto, andam difficeis como o diabo os mysterios da vida de Greta Garbo. Tudo é conhecido...

Vamos descobrir o mysterio de Mary Pickford e Douglas Fairbanks, por exemplo?...

Se Greta Garbo diz "Ah!" ou da um sorriso, os reporters correm a dar a noticia...

A FAMILIA ENDICOTT, uma das mais velhas e respeitaveis de New York, cercara-se sempre de profundo mysterio, e até na morte, para espanto daquelles que estudavam as exquisitices dos seus membros, prevalecia ainda o mysterioso agir dessa curiosa progenie de misantropos e arredios.

Entre outras coisas, dizia-se que o velho Hamilton, irmão da velha Endicott, desapparecera ou fôra enterrado vivo, delle tendo a matrona herdado a sua enorme fortuna.

A velha Endicott, unica sobrevivente da antiga geração, estava ainda forte a despeito do rheumatismo que lhe corroia os ossos, mas o que mais a preoccupava não era a certeza de um dia deixar o convivio dos que soffrem neste mundo — e sim a quem devia legar a sua grande fortuna.

De direito, os bens da familia Endicott deviam passar a Phillip Endicott, um rapaz de vinte e seis annos, filho unico da velha millionaria. Mas Phillip, por culpa dos peccados da exquisita matrona, nascera tarado. Era

Crime a

um pobre idiota, que levava os seus dias a architectar loucuras e vingança. Desta forma, vacillava a Sra. Endicott entre o filho — um irresponsavel — e o sobrinho Herbert, um ebrio.

Miss Roberts, que desde o nascimento de Phillip fôra contractada para servir-lhe de ama e governante, opinava que a fortuna fosse deixada para o rapaz. A isto se oppunha a Sra. Endicott porque então, pensava, viria Miss Roberts a ser dona, de facto, de todos os seus haveres.

Entretanto, reunido um conselho de familia, ao qual compareceram o advogado da velha, o seu sobrinho Herbert, Miss Roberts e o amalucado Phillip — foi feito o testamento em favor de Herbet, que assim se viu herdeiro de toda a fortuna, salvo a doação feita a Miss Riberts para continuar como mãe adoptiva de Phillip.

A grande fortuna passaria um dia ás mãos de Herbert, *depois da morte da Sra. Endicott, sua tia.*

* * *

O casamento de Herbert com Laura realizara-se á revelia dos desejos da velha Endicott, que jamais quiz que o sobrinho se unisse a essa mulher, a quem a matrona tachava de *indecorosa*, e que em ultima instancia viria a fazer-se medeaneira dos seus bens.

Mas Herbert, sempre sob o commando dos vapores alcoolicos, não escutara os graves conselhos da tia. Laura arrastara-o a uma quasi forçada declaração de amor e a consumação do matrimonio seguiu-se irremediavelmente.

Vivendo com certa difficuldade financeira, porque Laura era mulher de muito luxo, gastadeira, e não estava para aturar as lamurias do marido, Herbert soffria intimamente com esse estado de coisas. Elle bem queria poder offerecer-lhe todo o conforto e satisfazer-lhe todos os caprichos, mas isso nem sempre lhe fôra possivel.

Ao regressar á casa, depois de ter-lhe a tia feito futuro herdeiro da grande fortuna, encontra-se Herbert com a mulher numa dessas crises nervosas, que tanto horror lhe causavam.

— Se não tens dinheiro, como queres que vivamos, a pedir esmolas ?

— Mas, Laurinha... não já te disse ? Tem paciencia — implorava o marido de Laura — quando minha tia morrer herdaremos toda a fortu-

na. Pagaremos os debitos e terás tudo quanto quizeres...

— Quando *morrerá* ella? interroga Laura como querendo fixar uma data.

E depois de um instante, parando a um canto da sala, dentro da qual andava como um animal feroz preso numa jaula:

— Talvez quando já não possamos desfructar o dinheiro...

— Tom Hollander poderá emprestar-nos mais alguma coisa para quando recebermos a herança... adeanta Herbert, procurando apaziguar a esposa.

— Achas que eu sentir-me-ia feliz, vivendo á ousta de outro homem? Olha, Herbert, e se ella... Laura faz uma pausa. Parece assustar-se dos seus proprios pensamentos. Mas toma coragem e conclue a phrase:

— Se ella moresse esta noite — serias o seu herdeiro!

— *Sim... se ella morresse...* diz Herbert repetindo a insinuação da mulher, a andar de um lado para outro da sala, muito agitado.

* * *

Dado o alarma, depois do estrangulamento da velha Endicott, a policia começou a fazer as investigações, em casa da finada. Herbert e Laura estão presentes. O chefe de policia

nao tem nenhuma opinião formada. Ao entrar Miss Roberts com o louco Phillip, a autoridade acha plausivel ter o rapaz matado a mãe por saber que esta fizera do sobrinho herdeiro da sua fortuna.

— Como passas o tempo, Phillip? pergunta-lhe o chefe de policia.

— Pensando, faz o doido soltando uma gargalhada feroz.

— Mas, em que pensas tu?

— Em matar, diz elle, e solta nova risota.

— Como te arranjas para matar?

— E' facil: com uma faca ou com as mãos... E Phillip, marchando até a lareira, dobra entre as mãos crispadas um dos ferros do fogão, e quebra-o como

CERTA

se fôra um simples graveto.

— Prendam-no! brada a autoridade. Este monstro é o assassinc da velha.

Mas o tenente Vancour, que auxiliava a investigação, oppunha-se a essa decisão do seu superior. Para o tenente, se tivesse sido Phillip o autor do crime, a victima teria todas as vertebras do pescoço, quebradas. Não as tendo, o criminoso devia ser outro.

A despeito dessa objecção de Vancour, Phillip é mandado para a prisão como indigitado no caso.

Emquanto prosseguem os trabalhos de formação do processo, vae Laura visitar Phillip, na penitenciaria. O chefe de policia deixa-a sózinha, segundo o seu padido, a falar com o louco, que, do lado de dentro das grades, faz tremendo esforço para soltar-se.

— Sou tua prima Laura... Vim para ver como vaes, Phillip...

— Oh, a prima Laura! exclama Phillip num momento de lucidez. Eu gosto de você, mas não gosto do seu marido, Herbert...

— Já sei que não gostas delle, já sei... Se não fosse por causa de Herbert, hoje eu seria tua... Não gostarias de ter-me junto a ti, apertar-me em teus braços, Phillip? Não gostarias?

O louco solta uma gargalhada de goso e Laura, cada vez mais diabolica, conclue:

— Se elle moresse esta noite, amanhã eu seria tua... Tu tens força de gigante, Phillip; quebra estas grades, á noite, e vae livrar-me daquelle malvado. Depois, prometto-te que serei tua para sempre...

— Sim, sim, vou matal-o! estruge a fera na gaiola.

* * *

— Não posso, permittir que soffras, Laura... Que tens? Que é que te afflige, filha?

Laura aconchegando-se mais ao pescoço de Hollander, antigo companheiro de Herbert e agora amante de sua mulher, começa a fazer que chora. O esculptor, tomando a carinhosamente, pede-lhe que conte tudo.

— Depois que herdou essa fortuna, Herbert trata-me brutalmente, diz Laura a choramingar:

— Miseravel! ruge Hollander crispando as mãos.

— Se eu tivesse casado contigo, Tom, hoje estaria livre disso... Aquelle malvado de Herbert é o unico obstaculo á nossa felicidade.

(Termina no fim do numero).

MR. FAIRBANKS e o SEU FILM

Terry Ramsaye, ao qual deve Hollywood a melhor historia do seu Cinema, escreve no MOTION PICTURE HERALD de 14 de Novembro de 1931 o seguinte artigo.

Chegou á Cidade um producto novo, curioso. E' o Film "Around the World in Eighty Minutes" (Ao redor do Mundo em oitenta minutos), de Douglas Fairbanks, o producto de aventuras em viagens, a ambição de galgar novamente as luzes rutilantes das "marquises" e um espirito de experiencia Cinematographica.

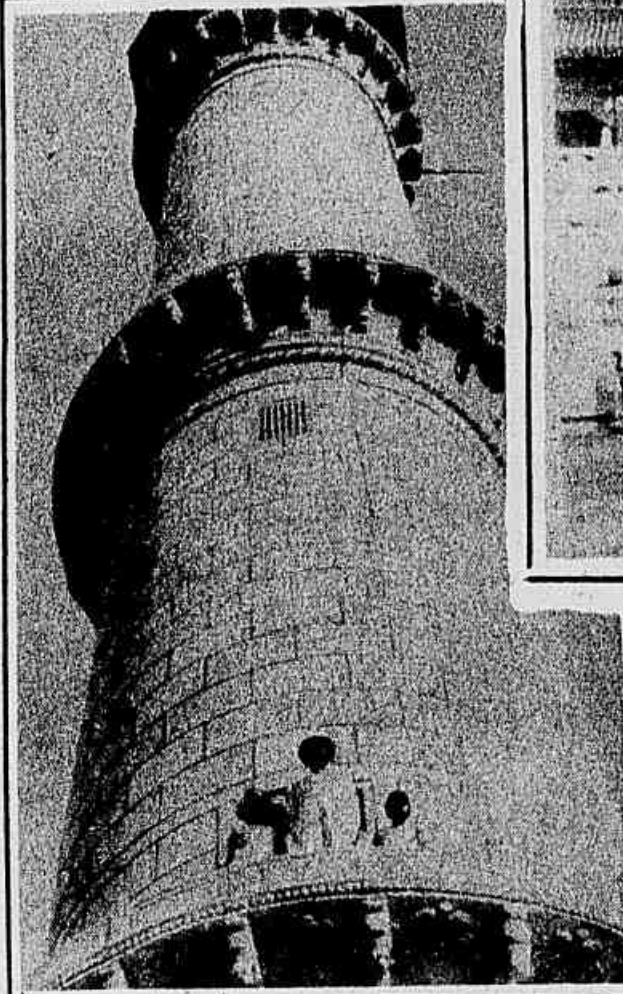
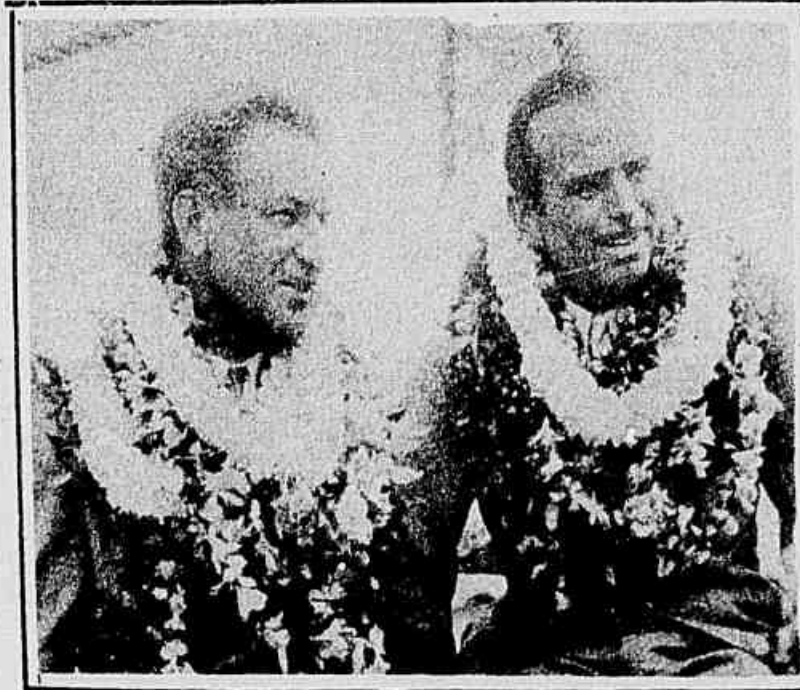
Mr. Fairbanks é dono das aventuras em viagens e da tentativa ambiciosa. Mrs. Fairbanks teve a idéa da experiencia.

O resultado é um Film principalmente experimental e por isso mesmo um producto interessante. E' um Film que não cahe em consequencia, é digno de figurar na fachada de qualquer casa de exhibição.

Mr. e Mrs. Fairbanks acham-se presentemente em New York, occupando todo o vigézimo setimo andar do Sherry-Netherland para para trocarem de roupa durante os compromissos, as visitas e os banquetes que lhes são a todo instante offerecidos. Juntos, tambem, decidem ali frequentemente sobre o que deverão agora fazer para esta arte e industria. Ao passo que ella é definitiva e emphaticamente Mrs. Fairbanks no Sherry-Netherland, nos planos continúa positivamente Miss Pickford, fazendo considerações e elocuções sobre Cinema.

Miss Pickford, segundo jornalistas que a entrevistaram e que correram a ella emquando Mr. Fairbanks e eu discutiamos assumptos realmente ponderaveis, parece ter planos decisivos sobre a confecção de alguns Films que trarão de novo as crianças aos Cinemas. Pela parte que me cabe, observo que Mr. Fairbanks não tem plano definitivo algum e pouco se lhe está dando que quem quer que seja volte seja para o Cinema que fôr. Adequadamente, ainda continuará figurando em Films.

Alguem, neste momento informativo, foi sufficientemente indiscreto quando disse que "Mary não sabe exactamente o que quer fazer e, sim, perfeitamente o que Douglas vae fazer"...

Ha apenas um colorido dessa collaboração em "Around the World in Eighty Minutes". Affirmam que é um esplendido Film. Tivemos esta informação da estimada experiencia de Mr. James R. Quirk, director da revista "Photoplay", que invadiu uma sala de exhição e assistiu á uma sessão privada na sala de côrte. em Hollywood. Tambem temos a mesma informação da palavra e do julgamento de Mr. Leo Meehan, editor do "Hollywood Herald". que mandou uma critica dizendo que o Film e um successo e varias outras cousas que chamam o interesse e o enthusiasmo

O aspecto realmente importante do caso é, no emtanto, que, provavelmente pela primeira vez na breve carreira da arte Cinematographica, um habil productor de Films, um bom artista e dramatista do Cinema, avançou pelos dominios da sua propria vontade livre e propositadamente fez um Film que não devia ter feito. Esta é precisamente a especie de diligencia e a sorte de auspicios sob os quaes a arte do Film pode esperar um livre pateo para experiencias e uma possibilidade de formas experimentaes que ainda poderão ter os Films em qualquer parte.

Despresando o que se possa pensar de "Around the World in Eighty Minutes" nos termos do successo de bilheteria que elle possa ser, é um trabalho precisamente da leveza e especie que caracterisam um Film feito sob espirito amador com mão de profissional e que talvez ainda venha libertar o Cinema dos seus tremendos absurdos e convenções.

Disse algo sobre "vontade livre", mas lembro-me agora muito bem de que Douglas lembrou-se de que fôra Mr. Fairbanks que lhe disserá qualquer coisa, no seu sotaque emphaticamente irlandez a respeito delle levar uma "camera" comsigo.

Depois de assistir o Film numa cabine com o encarregado de ver o que elle tenha de notavel para o "press-book" de publicidade, chegou ao conhecimento de que é bem possivel que, de volta, tenha Mr. Fairbanks decidido ir ao Studio e, lá, fazer, em casa, o seu Film de viagens pelo mundo...

Esta observação não é feita em termos de critica reprehensiva. O methodo representa technica da melhor. Dois casos em mira. Ha tempos idos, quando a Mutual ainda existia, comprou, por 25.000 dollars em prata americana, de Pranchito Villa, todos os direitos para filmar uma guerra mexicana antecipadamente estabelecido que que a dita guerra realizada á luz do dia e bem diante das "cameras" em acção.

VARIAS SCENAS DO FILM DE DOUGLAS, "AROUND THE WORLD IN EIGHTY MINUTES"

O resultado foram 2.000 pauperrimos pés de Film do Mexico, ao passo que D. W. Griffith e Raoul Walsh foram occupados para fazerem a verdadeira guerra num Studio de Hollywood, afim de ser o Film editado... Elles fizeram a melhor guerra. Tambem uma certa vez, ha tempos, tive que cozer as pontas desligadas de um Film épico sobre a Africa. Esse Film tinha o seu trecho mais emocional justamente com uma scena que eu fiz num terreno de Chic Sale, em Scarsdale, New York, utilisando um specimen do Museo Americano de Historia Natural e um garoto criolo que descobri na Broadway, ás 3 da manhã, onde o observei e o segui.

Os resultados são tudo e os methodos. nada, segundo disse Mr. Whistler, quando affirmou que pintaria seus Films com brocha de sapateiro se elle visse que assim conseguiria fazer melhores Films.

Assim, entre as terras selvagens da Asia, incluindo Cambodia, e o socego christão de Hollywood, Mr. Fairbanks emerge com um Film delle e um Film sobre suas viagens ao redor do mundo. Parte delle levou um tratamento em regra e o restante foi velludo do bom gosto com sciencia. Acho que ha tanto Hollywood, em "Around the World in Eighty Minutes", quanto

(Termina no fim do numero)

O ultimo film de Lia Torá feito em Hollywood...

(De Gilberto Souto, representante de "Cinearte" em Hollywood).

Lia, afinal não foi um fracasso em Hollywood. Figurou em muitos films. "Cinearte" se mostra satisfeita porque foi quem acompanhou, com photographias em primeira mão, todas as phases dá sua carreira, desde os "tests" para o concurso da Fox.

Desci o Hollywood Boulevard e dirigi-me, naquelle dia, a Vibe Street, sem siquer pensar em encontrar pessoa amiga, eis que, no meu caminho surge Ben Lichtig, que levou ao Rio "Sombras de Gloria", "Asi es la vida", Films de José Bohr.

Não me podia mais separar de uma pessoa tão sympathica, quanto distincta e cuja gentileza chegou ao ponto de me levar, immediatamente, a sua casa para almoçar.

Foi durante o almoço, que soube ter elle promovido a confecção de um Film "Hollywood, cidade de sonho"... Um Film falado em hespanhol e que tinha no seu elenco, a nossa Lia torá. Era o seu ultimo trabalho em Hollywood. Era a sua despedida ás luzes do Hollywood Boulevard, aos **sets**, aos reflectores possantes, á caixa de "make-up", ás cameras que giram, agora, silenciosamente...

A Universal City fica cinco minutos distante da casa de Lichtig. A's duas horas da tarde, no salão de projecção, estava eu, á espera que o Film corresse pela tela côr de prata.

"Aqui, é a poltrona que Mr. Laemmle se senta, todas as segundas-feiras, para vêr Films de outras casas... me disseram. Junto, um apparelho destinado a augmentar o som, pois o grande homem da Universal não ouve muito bem. Olhei a poltrona de velludo macio, comoda e sentei-me nella... Ali era o logar do sorridente chefe da Universal; ali vinha elle todas as semanas, vêr Films, esses pedaços de celluloide que lhe custaram tantos cabellos brancos, na sua longa e brilhante carreira de productor.

Ali, com certeza, entre uma parte e outra, fazia elle planos de grandes trabalhos, ali deveriam vir ter idéas e projectos, coisas e feitos grandiosos de espantar a industria e o mundo inteiro...

Quasi não me apercebi de que o Film ia principiar. O salão ficou ás escuras. Hollywood... é o thema do Film. Photographado ao vivo, com suas luzes que enganam, com seu brilho falso, suas mentiras e desillusões, seus desenganos terriveis que, muitas vezes, têm arrastado á morte quantos nomes.

"Hollywood — cidade de sonho." Não poderia haver titulo melhor para essa cidade immensa e pequenina, ao mesmo tempo, onde desde ás primeiras horas da manhã ao escurecer da noite e, depois, pela bruma a dentro, rondam olhos cheios de lagrimas, corações cheios de fel, sorrisos amargos, raiva incontida, miseria, fome.

José Bohr numa scena

O Film é interessante, pela sua historia. José Bohr ganha um concurso e vae para Hollywood, sonhando com milhões e um nome que obscurecesse o de John Barrymore ou de Carlito!

Vae e corre studios, pede, implora trabalho. Consegue-o. Enamora-se da estrella do Film, desperta com isso o ciume de uma "manager", e o enredo se desenvolve em scenas curiosas, interessantes, bem feitas. Ha canções novas de autoria de José Bohr — tangos e melodias ternas.

Durante a filmagem de uma scena com Alice Drexel.

Lia Torá é a "manager" do studio. O seu papel é vivido com naturalidade e perfeição. Ella diz uma phrase em portuguez...

O Film mostra aspectos de Hollywood — a entrada do luxuoso Chinese; as marcas de pés e mãos de estrellas e astros famosos, que, em noites de festa, ali deixaram impressos no cimento, em homenagem a Sid Grauman, o grande "showman" de Hollywood.

Ha vistas dos studios da Universal — essa cidade que dedica a sua vida ao Cinema. Ha "backgrounds" de montagens, de **sets**, detalhes e momentos que tornam o Film agradavel.

No final, Bohr parte de retorno á sua cidade — desilludido, levando nalma a verdade sobre Hollywood — essa verdade que poucos conhecem e, quando a conhecem, é muito tarde para que não possam deixar de chorar...

Hollywood, cidade de sonho — é um Film que deve ser visto, principalmente pelos que sonham em tentar a vida no Cinema.

E tentar a vida no Cinema, muitas vezes, se transforma em carregar bandeijas, nas cafeterias e restaurantes do Boulevard, ou arrasta a desventura pelos bancos dos jardins silenciosos e tristes.

Quantos vêm aqui procurar brilho e luz, fama e fortuna e choraram no escondido de uma alcova, ou passaram apenas como sombras!

Noel Francis...

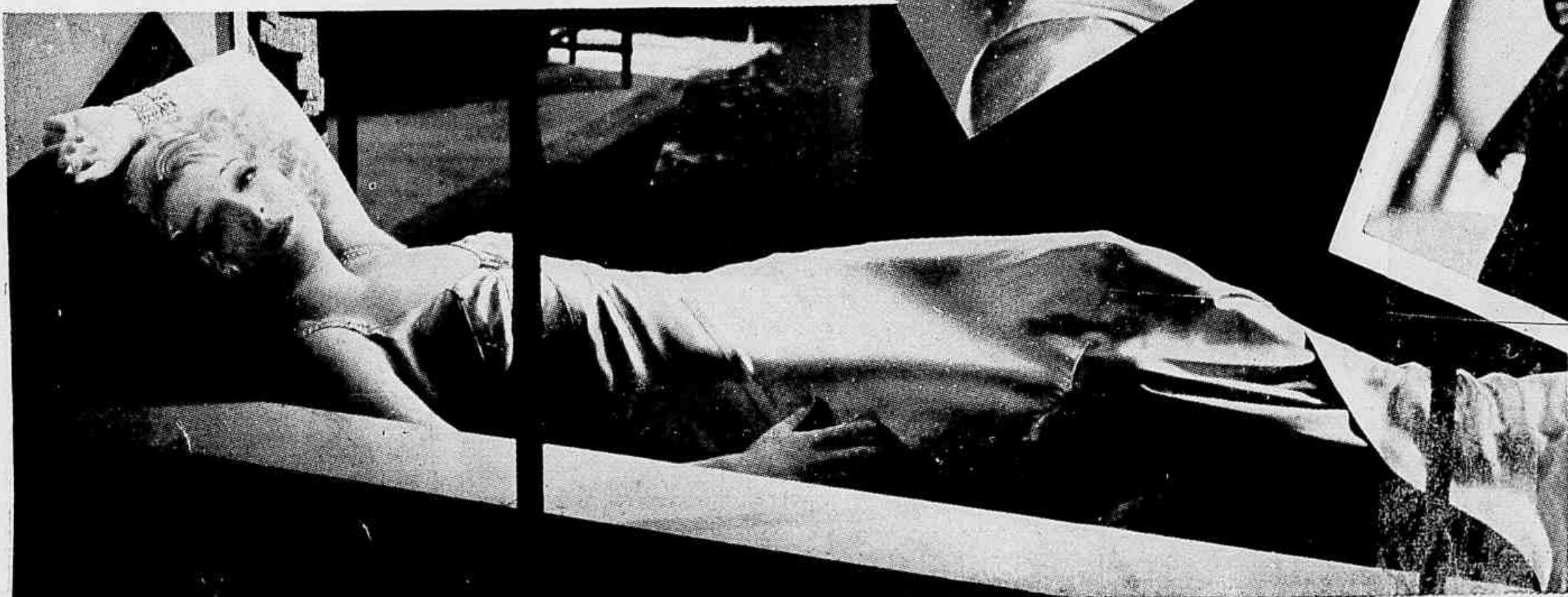
Tragica?

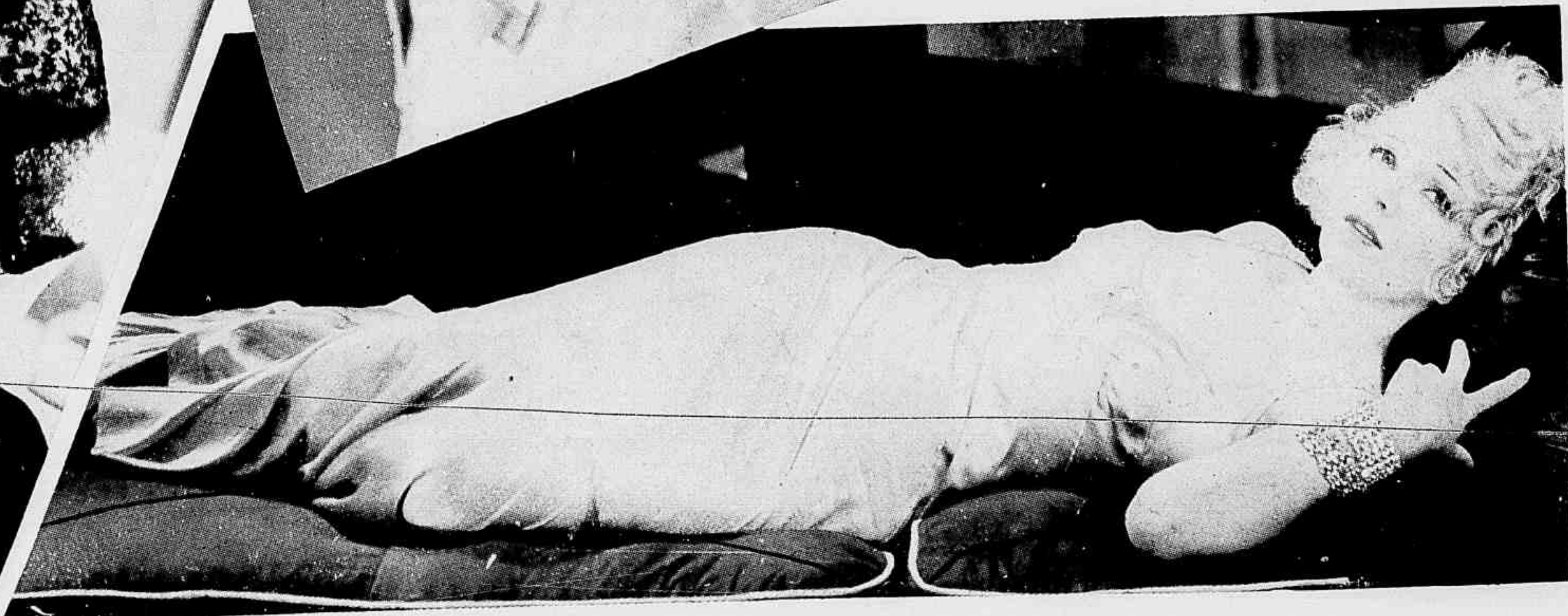
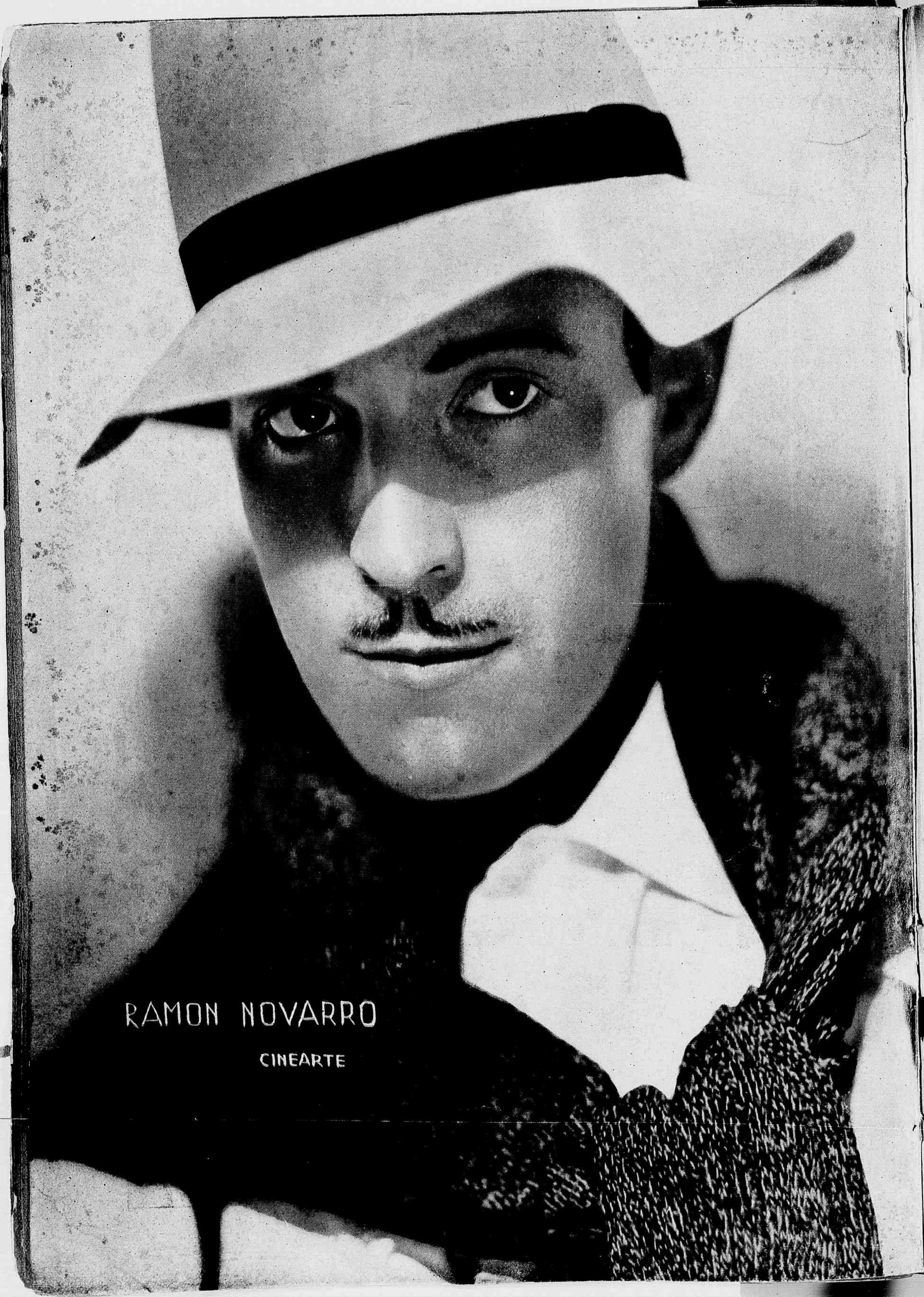
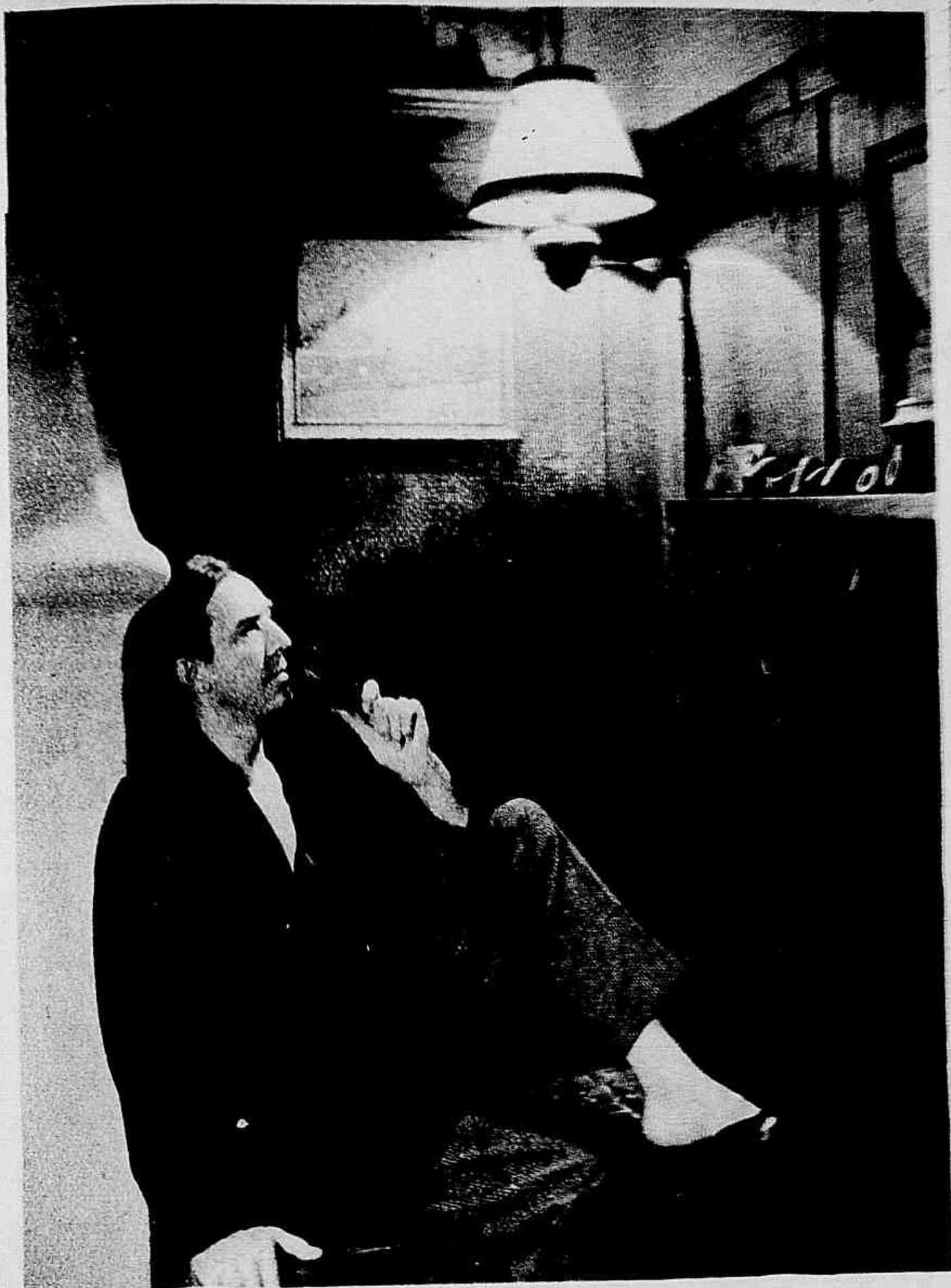
Cabellos de prata. Cock-tail de Corine Griffith, Constance Bennett e Lilyan Tashman...

Gostam das mangas do seu vestido?

ROCHELLE HUDSON. E' da Radio onde figurou em "Are These Our Children?"

Ina

Claire

A divorciada...

Ella vae apparecer assim em "The Greek had a word for it"
...divorciada...
Mas John Gilbert ainda é o meu melhor amigo...

RAMON NOVARRO
CINEARTE

EM CASA, COM OS SEUS CACHIMBOS...

BELA LUGOSI

"DRACULA", SEM OS CASTELLOS, OS MORCEGOS E AS TEIAS DE ARANHA...

— Não diga *chapéo!!!*... Diga cesto, caixa ou qualquer outra cousa...

Acalmou-se logo. Jan não comprehendeu o que acontecia ao pae. De toda forma resolveu calar-se. Tambem não era possivel continuar falando, mesmo, porque abria-se a porta e, devidamente escoltado por um official fardado, apparecia á entrada um rapaz de hombros largos, grande, pujante, moreno e vestido com rara distincção. Sorria.

Vendo-o, Jan experimentou uma sensação sua desconhecida, até aquelle momento. Pareceu-lhe, por um segundo, que o coração subia-lhe á garganta. Controlou-se rapidamente. Mas o facto era que nenhum homem, até então, desconcertara-a daquella forma. A' mesa, ninguem lhe deu attenção. Apenas Ashe voltou-se para elle e mostrou dar conta da sua presença, ali.

— Bom dia, Ace. Sente-se.

Ace sentou-se automaticamente. A belleza de Jan tomára conta delle ao primeiro relance. Ella tinha qualquer cousa mais etherea e mais admiravel que elle jamais vira em outra mulher qualquer. Além disso, os dias do seu julgamento já subiam a mezes e, durante este tempo todo, seus olhos não tinham ainda tocado um corpo de mulher tão genuinamente bem acabado... Jan tambem não conseguiu fugir da attenção redobrada que já lhe dava. Ella sentia os olhos delle sobre si. Sentia-se olhava dos pés á cabeça. Aquillo causava-lhe até calafrios. Se fosse outro homem, seria indifferente. Mas Ace tinha qualquer cousa que a fizera commo-

UMA ALMA

3.° CAPITULO

(Continuação)

Admirado por todos, que sentia-se pelo mesmo attrahida a ponto de supportar as massadas todas de um julgamento com delongas e aborrecidos intervallos. Naquelle dia, então, sentia-se particularmente attrahida para aquella sessão. Notára certo desfallecimento nas attitudes e nas palavras do pae e sabia, perfeitamente, o quanto a sua presença o animava.

Stephen não deixava de se preoccupar com a pressão violenta da promotoria contra o *gangster*. No corredor, abordou-os uma chusma de jornalistas que lhe pediram declarações. Stephen Ashe era, na opinião publica e na de toda justiça de New York, indiscutivelmente o primeiro nome em direito criminal. Quando elle defendia ou accusava alguem. Particularmente defendia, porque tratavam-se de casos perdidos ou considerados perdidos, geralmente, enchiam-se as salas de multidões que o procuravam ouvir, avidas. A sua presença, para os jornalistas, era igualmente significativa. Todos sabiam que elle sempre apparecia com um az redemptor, quando o jogo considerava-se já perdido e, assim, queriam naquelle momento saber qual seria o "az" daquelle caso... Logico que tambem procuravam material abundante para preencher as lacunas da escassa materia paga...

Ashe recebeu-os com um sorriso malandro.

— Nada tenho a dizer, meus amigos...

Um delles, proximo a Ashe, e tambem proximo a Jan, falou de modo que ella ouvisse. Principalmente ella

— E sua filha, Mr. Stephen, crê ella na sua victoria, hoje?

Jan interferiu espontaneamente, quasi automaticamente.

— Se ganha?... Que duvida! Pois elle já perdeu, alguma vez na vida?...

Outro reporter approximou-se de Jan.

— Senhorinha, está noiva de Dwght Winthrop, está?

O seu impulso, aquelle que tambem era tanto do seu pae, gritou-lhe que respondesse em cima da pergunta: — "Cuida da sua vida, amigo...". Mas conteve-se e num relance percebeu que a melhor resposta seria usar os estratagemas preferidos pelo pae: — reduzir a ridiculo a pergunta e, assim, esmagar o curioso.

— Mas por que pergunta?... Está com intenções de candidatar-se á minha mão?...

Todos riram-se. O reporter encabulou.

— Graças a Deus sou livre como o é o ar, por exemplo...

Terminou ella e acompanhou o pae e Mac que entravam pela porta que ia dar á ante-camera.

Lá, Jan procurou um canto quieto e longe das vistas de todos. O pae mergulhou nos papeis que estavam sobre a mesa. Ella sabia que naquelles momentos seria excusado interrompel-o. Ficou na espectativa. Ashe dirigiu-se a um ajudante seu, que ali estava.

— Maudou buscar o meu cliente?

— Sim senhor. Clancy foi buscal-o.

— Agora deixe-me ver aquella declaração do Skinner, sim?

Deram-lhe um pacote de papeis.

— Mais novidades, Sam?

Perguntou elle ao mais velho dos empregados que ali se achavam.

— Nada, senhor. Apenas Hardy declarou que não foi perjuro, absolutamente...

— Não foi?... Foi, sim... Mas portou-se com distincção, innegavelmente... Onde está Mac?

Para procurarem Mac, abriram a porta. Uma multidão de curiosos, do lado de fóra, ameaçou entrar.

— Papae! Ahi vem outra multidão que o quer ver tirar um coelho do chapéo!...

Disse Jan, rindo. Stephen interrompeu-a com certa aspereza e gritou:

ver-se quasi que violentamente... Jan preferiu soccorrer-se com o pae.

— Aborreço-o, papae?...

— Não, querida... Oh, Wilfong...

— Devia tirar mais photographias para os jornaes, senhorita...

Interrompeu Ace, facilitando e favorecendo assim ainda mais a sua apresentação á pequena.

— Acha?...

Perguntou ella com ironia. Mas a ironia mal disfarçava a emoção... Aproveitou-se ella do momento e notando que elle ostentava demasiada calma para um homem que jogava naquelle dia com a vida, perguntou.

— Este julgamento é de vida ou morte, não é?

Deu volta á mesa e foi sentar-se ao lado de Ace Wilfong. Um chamado de Stephen tomou a attenção de ambos e Ace não lhe poude responder, naquelle instante.

— Mac! Onde está Mac!

— Já vem, Mr. Stephen! Elle disse que

os capangas de Ace estão se espalhando pela sala de julgamento toda.

A palavra "capangas" tocou, como navalha, os ouvidos de Jan. Ella olhou Ace dentro dos olhos. Procurou ler o seu rosto todo. Naquelle rosto leu a possibilidade daquelle homem ser tudo, menos chefe de quadrilha.

Apenas nos labios delle ella poderia ler qualquer cousa mais dura e fria a marcar vivo contraste com o todo risonho e alegre do seu rosto. Naturalmente elle em nada se parecia com um *gangster*. Muito menos, então, com um assassino. Depois que fez essas apreciações, Jan sorriu com maior liberdade.

— Pensei, sinceramente, que elles fossem ficar fóra deste caso.

Disse Ashe. Ace moveu as mãos.

— E' o ultimo dia. Tenho certeza que elles pensam que vão de mim assistir o final...

Apesar de se conter, Jan sentiu que seu coração se descompassou um pouco. Ace continuou.

— Tome conta de Slouch Wiggin. Elle os cercará.

Ashe cruzou os dedos e um bedel veiu annunciar que a sala fôra atacada pela policia que puzera os homens de Wolfing para fóra.

Jan voltou a attenção deliberadamente para o pae. Com satisfação estaria ella em qualquer outra parte do globo até aquelle instante em que analysava aquillo que lhe acontecera. Ella continuou observando o pae. Os olhos delle tinham brilho estranho e seus dedos agitavam-se, nervosos. Elle chamou um dos seus homens.

— Sam! Peça ao juiz Hannah o favor de me conceder mais cinco minutos. Ficarei muito grato.

— Sim senhor.

LIVRE

Emquanto Ashe falava, dando ordens a Sam, Jan voltou-se para Ace. Ella não podia evitar falar-lhe naquelle momento, mesmo que sua vida disso dependesse. Elle a dominava acima da sua resistencia.

— Prohibiram-me dizer "chapéo".

Murmurou ella para elle, apenas.

— Lamentavel...

Respondeu elle, depois de pensar rapidamente. Ashe bateu na mesa chamando a attenção do seu assistente.

— Entre nosso cliente e sua absolvição ha apenas um chapéo. A Pramotoria suggere ser do nosso cliente e, isto, por ter sido achado agarrado á mão do morto. São suas as iniciaes do chapéo. E' tudo. Accrescente-se que existem tres testemunhas que affirmam tel-o visto depois do crime sem o seu chapéo.

— Sim...

Emendou um escrevente.

— Pouca cousa, na verdade, mas... que grande é!

— Pois eu não acho assim...

Respondeu Ashe.

— Ace, que numero usa?

Perguntou em seguida, voltando-se para o cliente.

— Sete e ¼.

Respondeu Ace. Nesse instante appareceu Mac. Ashe avisou-o de que tinham uma conversação em particular e o rosto de Mac aclarou-se, ao passo que ouvia, sahindo elle precipitado da sala. Ao passo que isto tudo corria dessa forma, o ambiente tornava-se tenso. Mesmo Jan sentia certa angustia.

— Ace. Vamos! Agora diga-me, francamente. Houve alguma cousa que você não me contasse e que me possa ajudar para sua defesa?

— Não, doutor. Nada.

— Irá você para a Cadeira, silencioso?...

Jan apertou a mesa que estava diante della, fortemente. Por que traria aquella phrase, á ella, o terror que trazia, naquelle momento? Não era, afinal de contas, o primeiro assassinato que seu pae defendia...

— Não. Nada posso dizer, porque nada ha a dizer. O senhor está defendendo um homem innocente. E' tudo quanto lhe posso dizer.

Para Jan a sua voz soava convincentemente. Mac reappareceu. Estava excitado. Foi a Ashe e murmurou ao seu ouvido.

— Nenhuma duvida?...

E poz força na expressão com a qual perguntou:

— Pode dormir sobre este triumpho, chefe...

Arrematou Mac. Ashe sorriu.

— O juiz concorda, Mr. Ashe.

Sam disse da porta que se abrira naquelle instante.

— Pois volte e diga-lhe que comece quando quizer. Meus agradecimentos e comprimentos.

Quando Sam sahiu, os outros ergueram-se. Ashe approximou-se de Ace.

— Creio que vou tirar um coelho de baixo daquelle chapéo, amigo Ace... E não se mostre surpreso se eu o fizer, entendeu?

Ace affirmou.

— Bem, rapazes, meia volta... volver!!!

Todos ali sabiam o que aquillo queria dizer. Foram ao julgamento de Ace Wilfong...

O que se seguiu, foi méro acontecimento sem importancia para a carreira agitada e impressionante de Ashe. Quando elle poz o chapéo sobre a cabeça de Ace, o chapéo que devia levar o criminoso ao patibulo, todos viram que ficava no alto da cabeça e não era absolutamente delle... Tres horas depois de proferida a ultima palavra da defesa, os jurados vieram da sala e trouxeram a sentença. Stephen Ashe triumphava, novamente.

——oOo——

A mansão dos Ashe, na quinta Avenida, resplandecia de luzes. De dentro della vinham sons de vozes em quantidade. Ali achava-se toda a grande familia da "vóvó" Ashe felicitando-a. Atrazados embora, Stephen Ashe e a filha.

Jan ainda trazia em mente o que lhe acontecera aquella manhã. Chegára á conclusão de que tinha experimentado aquella "attracção chimica", que ella ouvira tão discutida em casos de moderna psychologia. O que ella sentia de reacção, contra isso? Dizendo a verdade, ella se alegrára com aquillo. Afinal de contas era mais uma nova aventura para sommar ás muitas que já provára.

Dwight Winthrop tambem lá estava. Elegante, distincto e agradavel. A principal distincção de Dwight, no emtanto, jazia no facto de que lhe estava reservada uma grande fortuna, da qual seria exclusivo herdeiro. Era, além disso, um dos cinco melhores jogadores de polo de todo paiz. Ainda tinha, além disso tudo, alguma cousa de profundamente seu que agradava logo.

(Continúa no proximo numero).

Rosita Moreno

Chegou e foi embora com os "hablados" em hespanhol . .

Os melhores trabalhos Cinematographicos de 1931

A GRANDE FESTA ANNUAL DA ACADEMIA DE ARTES E SCIENCIAS DO CINEMA.

A "Academia de Artes e Sciencias do Cinema" é uma organização, que reune numa só entidade os differentes ramos da industria Cinematographica americana. Ella representa a cultura, o adeantamento e o espirito collectivo que une essa classe, subdividida em tão varios e complexos aspectos.

A Academia foi fundada em 11 de Maio de 1927, durante um jantar que Douglas Fairbanks presidiu e ao qual compareceram cerca de trezentas figuras do Cinema, como artistas, directores, camera-men, escriptores, technicos etc. Ella orienta, ampara, proteje, cuida e discute todos os problemas referentes á classe, defende os direitos de cada membro, promove reuniões e conferencias e, sobretudo, procura manter intacto o espirito de camaradagem que deve existir entre as differentes classes que a formam. Na junta de directores, cada ramo possue tres representantes, eleitos por voto e que são o arauto dos desejos e das aspirações de seus correspondentes.

Cavalheiros notaveis presentes a festa da Academia: James Rolph Jr, governador da California. Charles Curtis, Vice Presidente dos Estados Unidos. Lois B. Mayer, presidente da Associação de Productores, Dolly Gann, irmã do Vice Presidente. E. Will H. Hays. ministro do Cinema.

Outro aspecto da Academia. O Vice-Presidente da Republica ao entregar o premio a Marie Dressler, perguntou: "Posso chamal-a de Marie, apenas?"

Howard Estabrook, proeminente auctor e scenarista de Hollywood. O seu scenario em "Cimarron" foi o premiado pela Academia.

Annualmente, num grande banquete, que toma fóros de festa brilhante e acontecimento magno, a Academia se reune, afim de premiar os melhores trabalhos no anno, fazendo-se, então nessa noite, publicidade da nova directoria e sendo lido um relatorio das actividades Cinematographicas e do progresso que a Arte conseguiu durante os ultimos dozes mezes.

No dia 10 de Novembro ultimo, a Academia se reuniu, no salão de festas do Hotel Bilmore. Lá se achavam presentes centenas de figuras, representando todas as artes — estrellas, directores, escriptores, cameramen, technicos, productores e magnatas, publicistas e jornalistas. Will H. Hays, presidente da Associação de Productores e censor mór do Cinema, o Vice-presidente dos Estados Unidos. Mr. Curtis, sua irmã, Mrs. Gnn, o governador da California, Mr. Rolph.

Pela presença do Vice-presidente dos Estados Unidos e do governador, bem se poderá avaliar do prestigio que a Academia e, por conseguinte, o Cinema, recebe das altas autoridades da republica norte americana.

Wil H. Hays pronunciou um discurso — a saudação official aos presentes e della tiromos os seguintes topicos — "Muitas têm sido as festas a que Hollywood tem assistido — esta, porém, é a maior dellas, todas. Temos, hoje, entre nós o governador e o Vice-presidente dos Estados Unidos. E' para todos nós muito honroso, ter aqui a segunda figura de republica que percorreu tres mil milhas atravez o paiz, afim de assistir a esta festa — é, pois, com gratidão e sincero reconhecimento que lhe agradecemos essa honra. A vossa presença, esta noite, Sr. Vice-presidente e a vossa, tambem, Mrs. Gann, nos torna muito felizes. Esta festa ficará memoravel e este banquete, durante o qual serão premiados os melhores trabalhos do anno permanecerá inesquecivel na historia do Cinema. Peço a attenção de todos os que aqui se acham presentes para os nomes que serão proclamados, para as companhias que serão nomeadas, na lista de premios — nomes e empresas são a prova de que a carreira e o negocio que escolheram não representam para elles, apenas, uma maneira de fazer dinheiro. — Procuraram, de todos os modos, melhorar, fazer qualquer coisa mais perfeita; deram ao Cinema toda a sua dedicação, toda a sua alma, todo o seu talento. Elles representam a aspiração da industria de sempre e sempre procurar alcançar a perfeição!

Sinto-me tambem, satisfeito pela presença dos jornalistas, pois elles serão testemunhas do desejo

Norma Shearer felicitando Marie Dressler. Os outros são George Arliss e Lionel Barrymore.

(Termina no fim do numero).

aos negocios, preoccupado apenas com a sorte da sua vida commercial, pouca ou quasi nenhuma attenção dava a Jenny, sua esposa, Jennifer, sua filha e Avery, seu filho mais moço.

O lar andava cheio de conforto, luxo, esplendor. Ninguem possuiria, talvez, maior palacete e nem melhores automoveis ou quaesquer outros confortos déste genero. Mas o que faltava a familia Rarick era a amisade amorosa de um esposo, o carinho de um pae e a coordenação de um chefe de familia. John era commerciante. John não não era marido, pae ou chefe de familia...

A consequencia era Jennifer para o seu lado, aventuresca e sem juizo. Avery, para o seu, ousado e leviano, ás vezes, como todo moço rico e mimado. E a mãe delles apaixonada por um bailarino latino de palavras seductoras, pouco escrupuloso e já a tendo quasi presa ao encanto das suas palavras magicas...

A todos faltava John Rarick. A esposa sentia-se negligenciada. Precisava de carinhos. Os filhos careciam de conselhos. E assim era a vida do lar daquelle homem que era o maior proprietario de lojas de "5 e 10 centavos", pelo paiz...

Quando Jennifer conheceu Berry, um rapaz de sociedade, mas sem dinheiro, apaixonou-se immediatamente por elle. Muriel, sua noiva, era o impedimento. Mas apesar disso ella amava Berry e este não tendo pela noiva mais do que uma simples sympathia, começou a amar verdadeiramente Jennifer Rarick.

Por interferencia della, John deu ao rapaz, que era architecto, os trabalhos de duas gigantescas construcções que elle pretendia erguer para dar que falar ao paiz e ao mundo. E quando o teve trabalhando para o pae, Jennifer mais certeza teve de que Berry seria seu esposo.

Mas Muriel, que tambem queria Berry, não se julgava no direito de uma renuncia tão simples... Além disso Jennifer merecia-lhe um odio sem treguas e por isso advertiu ella, a Berry, de que Jennifer tencionava compral-o com o dinheiro do pae. A explicação procedia. Qualquer cousa notara elle em Jennifer que o puzera quasi certo de que era real o que lhe dizia Muriel.

No dia seguinte, profundamente chocada, Jennifer lia a noticia do subito e interessante casamento de Berry e Muriel...

—oOo—

Tempos se passam. Berry torna a encontrar-se com Jennifer. Ambos

OS NO

sentem e comprehendem que se amam e se querem irreparavelmente. Apesar de casado, Berry tudo esquece pelo amor de Jennifer e esta, esquecendo a sua situação, abandonada do conforto de um conselho de pae, entrega-se ao homem que quer.

Estala o escandalo. Mas apenas o conhece Muriel. Ella vae a John Rarick e pede-lhe uma somma quasi absurda pelo segredo. Emquanto o pae attende a esposa vil do homem que sua filha amava, Avery, desesperado com a situação da irmã, interpella-a e, está para tomar uma seria determinação em relação ao caso, quando sabem, Jennifer e elle, dos planos de fuga de Jenny, a

(FIVE AND TEN) — FILM DA M.G.M.

MARION DAVIES	*Jennifer*
Leslie Howard	*Berry*
Irene Rich	*Jenny Rarick*
Richard Bennett	*John Rarick*
Kent Douglass	*Avery*
Mary Duncan	*Muriel*
Lee Beranger	*Leslie*
Arthur Housman	*Piggy*
George Irving	*Brooks*
Halliwell Hobbes	*Hopkins*
Charles Giblyn	*Dennison*
Henry Armetta	*Taxi Driver*
Ruth Selwyn	*Midge*

Director: — ROBERT Z. LEONARD

A insensatez de John Rarick iria ser a causa da ruina inevitavel do seu lar. Nas suas lojas de 5 e 10 centavos, as melhores, as maiores e as mais ramificadas pelo paiz, encontrava elle a tremenda fortuna que o punha primeiro entre os millionarios daquelle genero de commercio. Attento

mãe carinhosa delles, com o bailarino latino. Para alcançal-a, Avery toma um avião e, a caminho do local onde sua mãe deve embarcar para a nova vida e talvez a desgraça, soffre um desastre que lhe custa a vida.

Ao lado do seu leito de morte, reune-se a familia Rarick. John nada sabe da esposa e do amante. Mas comprehende, naquelle instante, o que tinha sido a sua vida e o quão errado andava sendo pouco carinhoso e pouco attencioso como era com a familia.

Deixa seus affazeres e, juntos, tudo em mãos de empregados dignos, seguem para uma viagem de descanso e recreio pela Euorpa.

Lá, Jennifer, que jamais esquecera Berry, sabe do seu divorcio e um telegramma, depois, conta-lhe que elle tambem seguira para a Europa e vinha ao seu encontro, para resgatar com o casamento e com o amor, a infelicidade que lhe causára.

E foi assim que John Rarick comprehendeu que os negocios devem ser divididos com o lar em proporções identicas.

Crime a hora certa

(Continuação)

— Elle até me bateu! Ah, infame, *se estivesses morto!*

— Infame! Devia estar morto a estas horas! diz Hollander repetindo a insinuação de Laura...

* * *

— Mui amavel é para interessar-se tanto por mim... diz Laura ao tenente Vancour, que desta vez estuda o estrangulamento mysterioso de Herbert Endicott, na mesma casa em que, semanas antes, fôra victimada, pela mesma fórma, a velha Endicott. E, como da vez passada, Vancour não acredita que Phillip, evadido á noite da cadeia, tenha estrangulado o marido de Laura. Por que? Pela simples razão do primeiro caso: as vertebras do pescoço da victima não estão partidas.

— Cerca-se o senhor de uma muralha, que eu tento derribar para bem o conhecer, insinua Laura ao tenente, mirando-o nos olhos. Oxalá deixasse a policia... para ser meu amiguinho...

— Não póde ser, Madame... Eu amo mais o meu nome de detective!

* * *

Tom Hollander, commettido o seu terrivel crime, vae ter com Laura, incitando-a a fugirem da cidade. Mas a satanica mulher, escorraça-o severamente:

— Sahe daqui! Se a policia te descobrir commigo suspeitará de mim tambem...

— Dá-me um beijo, Laura... Bem sabes que fiz tudo por ti... diz-lhe o amante numa supplica.

— Não sei de nada... Vae-te embora!

E como ahi note por sobre os hombros de Hollander, que Phillip, que desde a fuga tinha estado escondido na casa, approxima-se de dentuça entreaberta e *(Continúa no fim do numero).*

HERCILIA DIAS, A HEROINA DE "O AVENTUREIRO" DA A. B. C.

"CINEARTE" PRESENTE A UM DOMINGO DE FILMAGEM.

Cinema de Amadores

(De SERGIO BARRETTO FILHO)

Questões Technicas

IV — DIRECÇÃO E INTERPRETAÇÃO

O titulo que encima a nossa secção de hoje dá a estas um quê de profissionalismo e difficuldades, mas na realidade não é tanto assim. Direcção e interpretação, no final das contas, não passam de termos convenientes que se usam, a todo momento, para designar actos que cada Amador pratica durante a execução de uma Filmagem.

Quando o Amador faz tudo para que o "bébé" sorria deante da camara, o facto em si não passa de uma "direcção" executada pelo Amador, e de "interpretação" dada pela criança. Todo Film de Amadores que apresente, ao menos, uma scena da vida commum de um individuo, seja essa scena qual fôr, e seja esse individuo quem fôr, é sempre o resultado de uma certa e definida "direcção" imposta a um tanto de "interpretação". Ha pouco a dizer-se, a respeito da interpretação, porque esta não é controlada pelas simples regras da direcção; os dois processos são phases differentes do mesmo processo. O Cinematographista, que é o seu proprio director, diz aos seus artistas o que elles têm que fazer. Isto é o que se chama "direcção". Os artistas seguem essas instrucções, e isto é o que se costuma chamar "interpretação".

Quando se trabalha com adultos, convém repetir a scena algumas vezes, girando de facto a manivella da camera, que deve estar "descarregada". Desse modo acostumar-se-hão os artistas com a novidade das "pôses", removendo ao mesmo tempo, e de si proprio, aquelle quê de constrangimento quasi inconsciente. Comtudo, deve-se evitar uma interpretação demasiado forçada, porque o resultado seria o constrangimento provocado por um trabalho prejudicado pela rotina. Assim, é evidente que se precisa encontrar um methodo, ou antes, um processo feliz e de todo successo. Quando se trabalha com crianças, o mais que se póde fazer é collocar a criança na exacta disposição de espirito, e girar a manivella quando a opportunidade se offerece. Este procedimento é familiar a todos os operadores que estão acostumados a Filmar scenas de crianças com cameras automaticas. A cinematographia da Natureza e da Vida Selvagem constitue, por si propria, uma Arte em si, e já aqui, neste caso, a "direcção" consiste apenas em conhecer-se os habitos dos animaes e vegetaes que devem ser photographados utilizando-se esse conhecimento para a obtenção de uma scena tal como ella foi imaginada.

A Direcção Cinematographica é uma verdadeira arte, dentro do Cinema, incluindo igualmente uma Sciencia dentro dessa Arte. Um bom director, esteja elle dirigindo um photodrama, uma orchestra ou uma peça theatral, precisa combinar em si duas caracteristicas que, em si, são diametralmente oppostas. Elle precisa ter o senso artistico desenvolvido ao mais alto ponto; e, ao mesmo tempo, manter presente ao espirito, cuidadosamente, todos os detalhes que se refiram á technica e, antes de mais nada, á mechanica.

Ha poucas regras que possam ser applicadas á direcção, e essas, assim mesmo, são muito elasticas. Póde-se comprehender facilmente que uma direcção feita por simples intuição resultaria em um Film de uma movimentação tão mathematica, que serviria sómente para provocar nos espectadores a maior somnolencia, o maior aborrecimento e a mais incrivel das canceiras.

O Amador póde pensar, ao contrario, que tudo isso não tenha nada que ver com a producção de um simples e caseiro photodrama. Mas não é assim!... Os pequenos e tão intimos "shots", feitos por nós e perto das nossas casas, ficarão infinitamente melhor e muito mais interessantes si um pouco de boa consideração fôr incluida numa direcção intelligente.

Antes de falarmos sobre o que é a direcção, a arte da manivella e a arte da manipulação da camera precisam ser comprehendidas tão bem que todos os movimentos passem a ser feitos automaticamente e sem consciencia da parte do director, porque todas as suas energias conscientes serão necessarias á direcção. A posição por traz da camera, que o Amador occupará pela virtude de ser, ao mesmo tempo, o Cinematographista e o Director, é a posição ideal para a direcção, porque elle vê o mesmo campo de acção que a camera visa. Si observarmos as photographias dos grandes directores em acção, notaremos que elles sempre se encontram perto da camera, ao lado, ou immediatamente atraz, de modo a não barrarem a visão das lentes. Sem duvida alguma, a posição do Cinematographista, ou melhor, a posição occupada pelo Operador é a melhor posição para o director. Os Amadores que já Filmaram uma scena de diversos angulos, ou utilizando varios pontos de vista, certamente comprehenderão esta verdade. O director nunca deve entrar no proprio campo de acção e empurrar os seus actores para dentro delle, como si fossem cachorrinhos. O resultado será apenas um abominavel constrangimento, da parte dos actores, sem naturalidade de especie alguma. O que se deve fazer é dizer-lhes claramente o que se deseja que seja feito, e deixar que elles o façam.

A interpretação "feita pelo artista" não é a mesma interpretação que foi "imaginada pelo director".

O director deve occupar a sua melhor posição, "ao lado da camera", para que as duas interpratações não pareçam muito differentes "á camera". Porém, que as duas têm de ser differentes, isto é um facto, e é deste facto que tem sabido a melhor qualidade da interpretação, isto é, "a individualidade"; a interpretação individual por parte dos actores. Lembrem-se de que tem sido essa individualidade caracteristica que tem levado as maiores estrellas do Cinema Profissional ao cume da sua profissão.

Vejamos agora a direcção. Tudo no mundo tem as suas regras. Desde a sua creação, que nos consta, que dois mais dois têm, sommado, quatro. Isto, porém, é simples arithmetica. Quantos de nós nos lembramos do dia em que trouxemos a nossa camera photographica do typo chamado "caixa", e lêmos no manual que a acompanha as seguintes regras: "Faça com que o seu assumpto esteja sempre e brilhantemente illuminado pelo sol". "Nunca aponte as lentes contra o sol"? Essas regras são excellentes, no seu devido logar; quantas photographias maravilhosas não têm, porém, sido obtidas, infringindo essas mesmas regras? Vê-se, pois, que em Cinema — e Cinema é Arte e não Sciencia — as coisas não se passam exactamente como dentro da Arithmetica, por exemplo. Na segunda, dois e dois serão eternamente quatro. Na primeira, todas as regras precisam levar aquella phrase: "Quando a acção não exige o contrario". Essas regras não são arbitrarias; são o resultado de uma longa experiencia, a experiencia de toda essa geração de directores que têm produzido os mais inesqueciveis dos photodramas profissionaes. Como a sua origem é principalmente mechanica, essas regras são, por isso mesmo, tão applicaveis ao modesto e pequeno photodrama de amadores, elaborado e executado em casa, tal como seriam á mais aperfeiçoada producção Cinematographica. Acontece, porém, que o super-Film, quasi sempre, exige a transgressão de uma regra, ao passo que o Film de Amadores, em geral, fica dentro dos limites dessas regras. Eis um resumo do que ellas impõem ao director-amador:

— Nunca se permitta que os actores colloquem as mãos, ou mesmo qualquer objecto, seja este qual fôr, entre o rosto e as lentes da camera. No photodrama, o rosto é o centro do interesse.

— Nunca se permitta que um actor venha collocar-se entre as lentes e outro actor, a não ser que o contrario seja necessario para a realidade da scena.

— Um bom director deve ser habil nas relações que deve ter a sahida de um actor de scena, com a entrada do mesmo actor na scena seguinte.

— O interprete principal, ou os interpretes principaes de uma historia, supponhamos, de amor ou aventuras, devem sempre sobresahir sobre os outros interpretes da mesma scena. Todo photodrama não passa de uma pantomima representada por alguns artistas "principaes", ajudados por diversos outros artistas secundarios, denominados "extras".

— Um factor de importancia é o que se chama "tempo" ou rapidez de acção. O "tempo" possue um effeito psychologico notavel sobre a acção. Todos nós temos notado como os espectadores ficam mais excitados, si o heróe de uma historia corre mais velozmente, vôa, montado no seu cavallo, para salvar a heroina das garras do villão.

— Nunca se deve realizar uma scena muito demorada. A acção applicada a uma scena não deve ser infinita.

— Nunca se permitta que o actor olhe para a objectiva. A posição do espectador é a mesma de um espião.

— O "close-up", invenção attribuida a D. W. Griffith, só deve ser praticamente usada, quando o actor é capaz de registrar uma emoção cinematographica de um modo convincente.

— O "fade-in" e o fade-out" são usados para separar as sequencias, indicando um lapso de tempo. Esse lapso de tempo póde ser, porém, tanto um minuto como annos innumeraveis. Por isso, a scena que termina uma sequencia com um "fade-out", ou a que inicia outra sequencia com um "fade-in" precisam ser bem estudadas.

Esta ultima regra é a unica que não precisa ser tomada muito em conta pelo Amador. O apparelho necessario para os "fades" custa frequentemente muito mais do que todo o material indispensavel ao Amador. Por essa poderosa razão, raramente elle possue um tão util e completo accessorio.

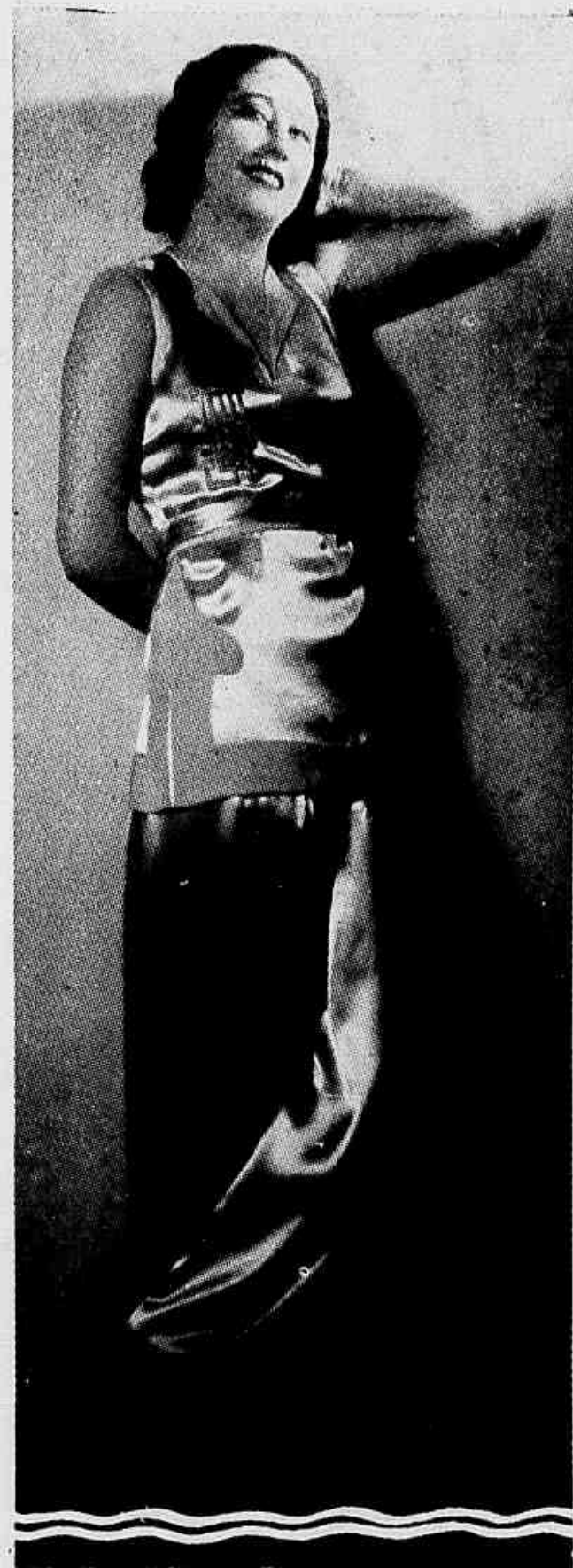
As outras regras, porém, devem ser todas estudadas ao pé da lhha, pelo director-amador, "a não ser que a acção exija o contrario".

A SOCIEDADE BRASILEIRA DE CINEMATOGRAPHISTAS AMADORES

De um dos nossos mais amaveis collegas diarios, retirámos a nota que damos a seguir, sobre a fundação a Sociedade Brasileira de Ci-

(Termina no proximo numero)

Pyjamas de Joinville...

Exma. Snra. D. Emilia Barrada...

Não sei quem são estas... mas não vem ao caso quando os pyjamas não são maus...

Alice Cocea, L. Mercanton e Imperio Argentina

Rosita Diaz Gimeno

MARLENE...

CINEARTE

7-44

Pergunte-me outra...

GAUCHINHA — (R. - Rio Grande do Sul) — Ironia?... Ora, Gauchinha, você lida commigo a certo tempo e não póde dizer isso a serio. Nunca animo ninguem demasiadamente, quando noto que ha obstaculos e nem desanimo, porque ha circumstancias que pódem vir a favorecer o pretendente. Além disso eu sei a animação que você tem e o enthusiasmo que sente pelo Cinema Brasileiro. Quanto á "feiura", vi photographias suas e permitta que conteste ó quanto disse. Não é tanto e, além disso, de gente feia o Cinema está cheio. As mais ipmortantes e mais faladas artistas do mundo, friamente analysadas, são feias. O que vale é a photogenia, o **it**, como elles chamam isso que nós aqui chamos de **aquillo**...Não sei. Depende da agencia que distribue o Film. Se fôr como **Labios sem Beijos**, só para o fim deste, mas eu acho que **Mulher...** irá antes, porque é um Film synchronisado. Em breve você será satisfeita com o que deseja. Até logo, Gauchinha.

E. M. BENTES — (Rio) — Amigo Bentes, agradeço muito seu cartão e desejo o mesmo para você, durante 1932. Quanto ás suas cartas, as que tenho recebido, tenho respondido e se não **boycoto** nenhuma, com maior razão jamais o faria com carta sua, sempre tão interessante, sincera e agradavel de se ler. Volte sempre, Bentes.

ZÉZÉ SUSSUARANA — (Jacarehy - S. Paulo) — Recebi seus commentarios sobre Films Brasileiros, sua carta esplendida, espirituosa e feliz, e, tambem, seu cartão de bom anno novo. O mesmo desejo á você. Zézé e espero que 1932 seja optimo. A "Pagina" vae ficar cheia das cousas curiosas e bôas que você mandou. Aguarde publicação. Agradeço seus recortes e sobre aquelle caso de expulsão, tem toda razão e lembro-me, para este caso, do que dizia meu avô, um veterano da guerra do Paraguay: —" a justiça tarda mas não falha!". Sobre **Mysterio do Dominó Preto**, a sua opinião é muito bôa, interessante e mostra que você conhece Cine-ma-Cinema e não argumenta no vaquo. Você mandou bôas "bolas" que eu vou transcrever, tambem. Tambem trocadilhos felizes e assim é que você deve continuar e pôr a preguiça de lado "Sussuarana News", esplendido. Volte sempre e até logo, Zézé.

LYCIO NEVES — (Bello Jardim - Pernambuco) — E que tal o incognito? Sentiu-se bem dentro delle? Mas esse cavalheiro não tem a menor importancia e não represeenta nada! Pernambuco já deu Déa Selva ao Cinema Brasileiro e ahi mesmo surgirão outras iguaes para o Cinema Brasileiro que ahi se faça. Eu não gosto de theatro. Quando ao seu dilemma, dou-lhe razão e assim é melhor trabalhar em theatro, realmente. Eu sei quem elle é, sim! Volte quando quizer, Lycio e tenha fé no seu ideal.

DUSTAN MACIEL — (Recife - Pernambuco) — Gonzaga entregou-me sua carta para responder. Lidos e anotados os seus dados. Vá mandando photographias e dados tantos quantos possa e sejam authenticos. Pois será uma cousa realmente nova em Cinema Brasileiro, um Film em série. O **grease paint** não é branco e nem pardo. E' rosado.

Greta Garbo em "Mata Hari", a famosa sereia da grande guerra. Ramon e o Alexander Rosanoff.

Fitzmaurice explicando...

LUPE VELEZ — (Rio) — 1.° — Actualmente sem fabrica certa e um tanto ou quanto afastado de Cinema; 2.° — Mona Maris, Fox Studio, Western Avenue, Hollywood, California; 3.° — Não trabalha mais em cinema e ha quanto tempo! 4.° — está sem fabrica certa, mas logo que o saiba em alguma fabrica, pergunte novamente o seu endereço; 5.° — Julia Faye está onde estiver Cecil B. De Mille. Esteve com a M. G. M. Agora, naturalmente, entrará para a fabrica que elle entrar. E' aguardar. Grato e ás ordens.

M. LUDOVICO — (Pelotas - R. G. do Sul) — Agradeço as felicidades e os desejos para o rheumatismo... Você é uma "bôa bola", amigo Ludovico. O Pery, que aqui está, contou-me o successo que foi o Film ahi. E' preciso escrever-lhe: — Lú Marival, **Cinédia Studio**, rua Abilio, 26. Já lhe falei nesse caso dos "doces" e elle limitou-se á sorrir... Até outra, Ludovico.

PRINCIPE ESTOURADO — (S. Paulo) — Não. E' americana e nada tem de Brasileira. Quanto ao endereço, impossivel, porque não consta em lista alguma.

NORMA SHEARER — (Belém - Pará) — Ha quanto tempo! Até pensei que já não fosse mais escrever... **Mulher...** irá brevemente ao Norte, Sim. O seu conceito sobre illusão e realidade é bom, mas não posso saber se elle se applica a esse caso. Pois porque não manda uma photographia sua? Se ella calou, consentiu, sim. Eu creio no destino, tambem. Tenha fé! Pois é uma bôa charada: — eu estou ali, sim. Veja se descobre. Se é bom! Mas o seu juizo não está de todo errado, não. "Santa de Coqueiros" é bôa piada. Vou transcrever o seu trecho sobre Greta Garbo e vou entregal-o á "Pagina." Prepara-se para ouvir as respostas gritando que você não tem razão... Nem imagina como Greta Garbo e admirada! Eu voto... nas duas! Mas estou um pouco mais com você... Volte quando quizer, Norma!

BESALI — (Florianopolis - Santa Catharina) — Qualquer suggestão é estudada e qualquer opinião aceita. Nos pontos em que justificação houver, justifica-se. 1.° — Quasi sempre têm. As de Films não têm, porque ás vezes põe-se uma legenda e a situação significa cousa muito diversa. 2.° — é logico e para isso é que se caminha; 3.° — Mais "suggestivas" do que as que têm sahido ultimamente? 4.° — Está melhor, não está? Nem absurdas e nem pretenciosas: — sinceras e de amigo. Volte sempre, Besáli.

CHAPLIVIDOR — (Recife - Pernambuco) — Têm, sim, distribuidos pela M. G. M. Hal Roach é productor associado. As comedias de Charlie Chase, Stan Laurel & Oliver Hardy, etc., são delles, inclusive as de cachorros, faladas em hespanhol... Sim, isso mesmo. Maureen O'Sullivan está Filmando ao lado de Joseph Weissmüller o **Tarzan** da M. G. M., dirigidos por W. S. Van Dyke; John Garrick está com a RKO-Pathé; Dixie Lee, **free lancing**; Sharon Lynn, idem; Frank Albertson, com a Fox; David Rollins, **free lancing**. **Free lancing** quer dizer "desembregado" e de "guichet" em "guichet" a procura de emprego... Não: — Nick Stuart fez alguns Films para a Educational e continúa tambem de porta em porta. Não houve intriga alguma. E se houve, foi exclusivamente do lado delle. Não acredito que isso se dê. A prateleira reclama-o. Por que o amigo não faz algumas criticas? Poderão sahir na "Pagina", por exemplo.

CHARLES KING ASTOR — (Cratheús - Ceará) — O mesmo para você com a minha amisade, Charles. Não sahirá, não. Só para o anno. Motivo? Já leu o artigo de Eddie Cantor sobre a **crise**? Tom Mix está com a Universal. Esteve, sim e bem mal. Ha quanto tempo! Pois remetta quando quizer. Volte quando quizer, Charles.

HOMEM QUE PERDEU A ALMA — (Pelotas - R. G. do Sul) — 1.° — Depois de lhe agradecer pelos augurios para o anno novo, respondo. O **Capitolio** fechou, porque o contracto terminou. A Paramount não o renovou e o Dr. Generoso Ponce arrendou-o para abril-o depois do Carnaval. Foi isto. 2.° — Meu filho, a lista é grande e eu não a posso dar aqui. Mas sahirá uma estatistica. 3.° — Sim, em breve todos os Films Brasileiros. 4.° — Já foi e não sei se será lastima. E' um caso de prateleira. 5.° — **Onde a Terra Acaba** é um Film produzido por Carmen Santos e apresentado pela **Cinédia**. Ella é a **estrella** e no elenco estão Celso Montenegro, Carmen Violeta, Ernani Augusto, F. Bevilacqua, Carlos Eduardo, Ivan Vilar e varios outros. Octavio Mendes dirige. Pois o seu enthusiasmo é razoavel e parte do que você diz, tambem. Mas agora não terá mais do que se queixar e verá que tudo vae correr em absoluta ordem. Gonzaga agradece o que diz sobre **Labios sem Beijos**. O seu "em tempo" será "em tempo" respondido, isto é, quando o caso se resolver. Volte, sempre, amigo Homem que Perdeu a Alma. Até á "outra."

TACILDES R. PONTES —(Fortaleza - Ceará) — Recebi sua photo e endereço. Encaminhei tudo á **Cinédia**. Você faz bonitas observações e gostei da sua carta. Saiba, desde já, que o problema da distancia é serio e que se aqui residisse seria mais facil. De toda fórma, no emtanto, não desanime e tenha fé no futuro da carreira que quer abraçar. Não tem irmãs trabalhando em S. Paulo? Volte de novo e continúe animado.

C. FRANCO — (Rio) — Sua bôa vontade e seu interesse naturalmente serao attendidos. Mande seu retrato e seu endereço e depois aguarde um chamado. Estando aqui sempre é mais possivel realisar o que sonha.

EU — (Rio) — Ora essa! E por que não responderia? Todos querem acertar com o meu nome. Mas é tão simples e tenho sempre dito: — chamo-me Operador. Não basta? Querendo advinhar, amiguinha Eu, procura atirar sobre uma hypothese, não é? Agradeço seus desejos para o anno novo e quero-os para você, tambem. Essas respostas deverão vir em carta separada, e acompanhadas do "expediente" de CINEARTE, isto é, aquelle quadrinho que traz os dados sobre CINEARTE, no final. Volte sempre, Eu.

OPERADOR

Noites de

Na segunda-feira, dia 21 de Dezembro, Bebe Daniels estreou no theatro EL CAPITAN com a peça "The Last of Mrs. Cheyney". A' première deveriam comparecer muitas celebridades do mundo do celluloide. Seria perder uma grande opportunidade, não chegar até á porta e ver o desfile de estrellas e figuras famosas. Fui. Eram dez e meia e o lobby do theatro, todo envidraçado, regorgitava de astros e estrellas. Era um aquarium, onde os peixinhos dourados da cinelandia iam de um lado para o outro, ostentando o colorido brilhante de suas escamas... Procuro vêr bem. Ah! "fans" quanto pagariam para ver o que os meus olhos tambem de "fan" viram nessa noite... Sheets Galagher, Betty Compson, fumando um cigarro atraz do outro, George K. Arthur, pequenino, sorridente, corado como um authentico pexinho vermelho, conversam... Neil Hamilton está serio. Elle e a senhora tentam sahir um pouco. Não conseguem fazel-o. No hall, do lado de fóra os caçadores de autographos estão alerta. Livros, cadernos, photographias, cartões, caneta em punho... São terriveis, ameaçadores, incançaveis... Ficam á espreita, ferozes, que um artista ponha o pé do lado de fóra afim de pedir a assignatura!

Meninas, rapazes, velhas, homens idosos! Uma mania perigosa, essa, que domina esses "fans" ardentes e insaciaveis! Edwina Booth, famosa desde "Trader Horn" chama as attenções. Está toda de setim negro e a sua pelle alva, que se vê no decote exaggerado de suas costas, não tem mais as marcas das picadas dos mosquitos das selvas africanas... Ella attende aos "fans"... assigna dezena e dezena de livros com um "sincerely"

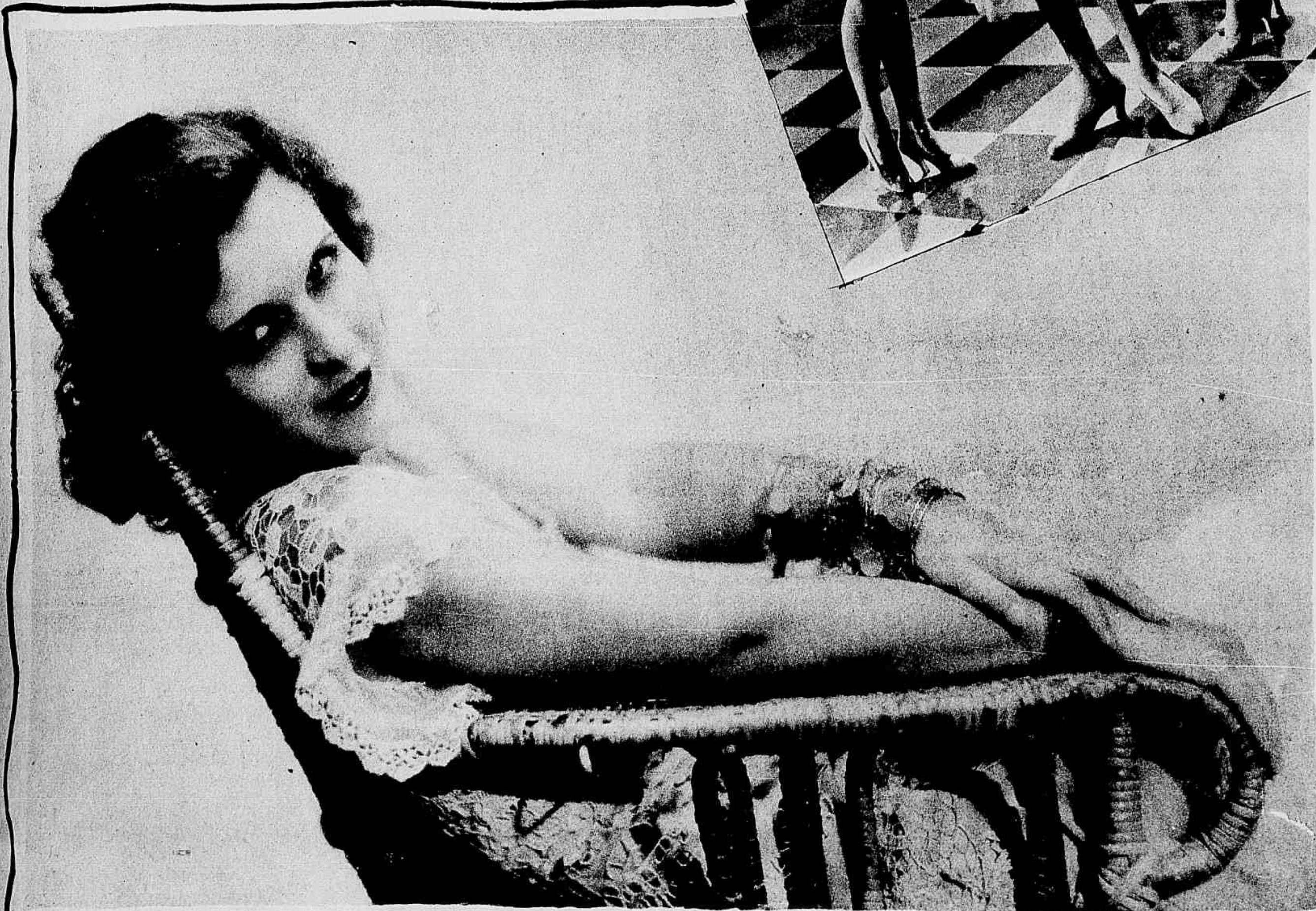
EVELYN BRENT, FUMA MUITO...

NORMA SHEARER E O DIRECTOR SIDNEY FRANKLYN DURANTE A FILMAGEM DE "PRIVATE LIVES".

amavel e paciente. Ben Lyon examina as corbeilles—mais de duas dezenas — recebe cumprimentos, entra e sahe da bilheteria, dá vales para amigos que chegaram á ultima hora, fala com os photographos que batem instantaneos para as revistas... Charles Murray, grisalho, sorri para Evelyn Brent. Beija-lhe a mão. Evelyn pede-lhe um phosphoro. Ella tambem fuma muito... Lionel Barrymore recebe palmas. Passa pelo "lobby" pelo braço da esposa. E' velho, e tem o andar vagaroso.

Sally Eilers, envolta em pelles, desce as escadas pelo braço de Hoot Gibson, de smoking. O collarinho duro parece que o incommoda. Que saudades do lenço de "cow-boy"! ....
Julia Faye sorri e nesse sorriso os seus olhinhos pequeninos desapparecem... Cecil de Mille está em Hollywood, de novo, e, seguramente, Julia está contente. Vae trabalhar... Edgard Norton, aquelle mestre de cerimonia de "Alvorada do Amor", impretigado na sua casaca, parece esperar ordens de Lubitsch...

E o mundo luminoso volta para assistir ao ultimo acto e applaudir Bebe Daniels. Dou uma volta e espero pela final do espectaculo.

EDDIE CANTOR EM "TALMY DOYS".

Quero ver mais estrellas e sentir de perto o scintillar desses sóes de Hollywood!

Estou de volta. As portas se abrem. Vae começar o desfile de Rolls-Royces, Packards, La Salles e Cadilacs... Um murmurio se estende pelo hall; percorre de lado a lado a entrada do theatro. Electrizante, nervoso, inquieto. Só ouço um nome — Norma Shearer!

E' ella de facto. Numa toilette de seda branca. Um casaco de pelles a envolve. Como é linda! Mais ainda do que no Cinema. Que sorriso feliz traz nos labios e como brilham os seus olhos! Feições delicadas, uma pelle de creança... nem uma ruga, nem uma sarda... Realmente, é a mais linda dentre todas e muito mais do que nos seus Films. Sorri para todos os lados, cumprimenta e retribue os elogios e as saudações dos "fans". Parece que a festa é para ella. Irving Thalberg lhe dá o braço. Sereno e impassivel.

Quasi não reconheço Harold Lloyd, sem oculos. Vejo bem e vejo, então deante de mim, o heróe de tantas comedias esplendidas. Mildred Davies está ao seu lado, trajando velludo negro e no hombro um ramo de

Hollywood

(DE GILBERTO SOUTO, REPRESENTANTE DE "CINEARTE" EM HOLLYWOOD)

orchideas. Aquelle ramo é bem a "marca registrada" da fortuna do marido, o mais rico de todos os artistas. Orchideas aqui é signal de fortuna, de muitos milhões. Está gorda e não é mais aquella garota adoravel dos Films comicos do marido.

Nos seus olhos azues, pequenos, ha, entretanto, um reflexo de felicidade e, nelles, a alegria parece fluctuar...

Gilbert Roland toma um Rolls-Royce. Disseram-me que era o carro de Norma Talmadge. Esta eu não a vi. Constance, a sua irmã, tambem estava. Toda de verde. Parece não sentir frio e a noite está tão gelada... O capote de pelles, carissimo, ella o leva no braço.

Joe Brown surge, lá no fundo e uma gargalhada me escapa. Que bocca!

A multidão agora é compacta. Não se póde mais ver ninguem. Sabendo que os artistas deveriam ir ao Embassy, o club da moda, o logar onde a elegancia e a celebridade se dão as mãos, em Hollywood, vou para lá.

Atravesso a rua e estou, agora, á porta do luxuoso club de Hollywood. Espero que cheguem os carros, carros das estrellas. Desce Mary Pickford. Pequenina, num vestido côr de laranja e capote de arminho. Depois, Luiza Fazenda chega de setim preto. Ri para os que ali estão. Como está gorda!

Edmund Breeze... Edmund Goulding... Billie Dove... Cabellos ruivos, toda de branco. Uma rica pelle a defende do frio... Revejo de novo Norma Shearer... como é elegante. Talvez a mais distincta dentre todas... O marido dá ordens ao chauffeur... ella o espera uns minutos e não procura esquivar-se aos olhares do povo. Sorri, agradece. A sua popularidade é espantosa! E a

NEIL HAMILTON, MUITO SERIO...

NORMA SHEARER ESTAVA "CHIC" E BONITA...

noite finda-se para os que ficaram... Para elles iria continuar até altas horas da noite — em dansas, em blues nostalgicos, com palavras arrastadas dos negros do sul ou nos compassos de um tango que lembra os pampas e as noites de Buenos Aires!

E a fila de curiosos se desfaz, lentamente, como em sombras que se movem pelas calçadas do Boulevard!

Agora um ligeiro commentario dos Films que tem sido exhibidos no Hollywood Boulevard. Nos seus Cinemas passo muitas noites de Hollywood...

FIVE STAR FINAL — (Warner-First National).

Este Film está fazendo furor em todas as cidades americanas, pois o seu assumpto se prende aos "tabloids", jornaes que vivem de escandalo e da exploração de casos sensacionaes e coisa muito popular, aqui. Edward G. Robinson é a figura central, absorvendo todas as attenções. O seu trabalho é, realmente, notavel. O Film narra em scenas fortes e altamente dramaticas a destruição de duas vidas, moti-

(Termina no fim do numero)

Cinearte

REVISTA CINEMATOGRAPHICA

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 70$000; 6 mezes, 35$000. — (Registradas) 1 anno 85$000 6 mezes 43$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Rua Sachet n.° 34 — Telephones: Gerencia: 3.4422 — Redacção: 8-6247 — Rio de Janeiro.

EM S. PAULO
Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — S. Paulo

Representante em Hollywood.
GILBERTO SOUTO.

Cinema de Amadores

(FIM)

nematographistas Amadores. Para a sua publicação, solicitamos apenas ao Sr. José Bello e aos nossos collegas a devida "venia", a qual, estamos certos, não nos será negada.

"Fundada a 6 de Maio do corrente anno, vae em franco progresso se desenvolvendo a Sociedade Brasileira de Cinematographistas Amadores.

Aquella Sociedade, cuja finalidade é de incutir ao nosso poo o espirito da nossa nacionalidade, quer através de sua historia quer através de seus costumes, dará, no proximo dia 2 de Janeiro uma deslumbrante festa no magnifico salão de sua séde, á rua Domingos Lopes, em Madureira, tendo sido, para esse fim, contractada uma magnifica "jazz-band", que por certo maior brilho lhe emprestará.

Assim, ao par da satisfação geral, folgamos ainda em registrar que a Sociedade Brasileira de Cinematographistas Amadores, se acha em crescente desenvolvimento, contando já um elevadissimo numero de socios, e aproveitamos a opportunidade para agradecermos á directoria daquella Sociedade em ter-nos distinguido na escolha para orgão official da mesma.

Outrosim, devemos accrescentar que nos studios da Sociedade a filmagem será feita por apparelhos Pathé-Baby, e esperamos que os seus films primando acima de tudo pela brasilidade, irão por certo nos fazer vibrar de enthusiasmo e admiração.

NOTAS

José Bello".

Assignou inscripção para a A. B. C., no quadro de especialistas, a senhorita Gilda de Castro, como scenarista. A novel amadora, que auxiliou a organização da continuidade de "As Ferias de Durval", é mais um talento artistico, e dos mais estudiosos a serem utilizados pela A. B. C.

— Foram filmadas as ultimas scenas de "As Ferias de Durval", devendo-se terminar a titulagem dentro de poucos dias. A A. B. C. fará, por esta secção, um convite a todos os Amadores que quizerem assistir á projecção em logar previamente fixado.

— "Fóra da Lei" ficará prompto até fins de Janeiro, fechando o programma de A. B. C. para 1931.

— Isaltino Lopes, que se havia afastado da A. B. C. por motivos particulares, sentindo as profundas saudades dos dias de "O Aventureiro", regressou á A. B. C. com o mesmo enthusiasmo dos verdadeiros Amadores. A acolhida de Isaltino Lopes pela A. B. C. resultou na inclusão do seu nome no elenco de "Fóra da Lei", ora em filmagem.

— Com Isaltino Lopes voltou á administração technica da A. B. C. o argumento de "O mestiço", da sua autoria.

Crime á hora certa

(FIM)

mãos crispadas, a diabolica mulher exclama mais alto, para que a louca a ouça:

— Oh, tú, o assassino de Herbert! Sahe, deixa-me! Eu só gosto de Phillip, só gosto de Phillip! Se elle aqui estivesse, já te mataria, traidor!

Phillip, ao ouvir estas palavras, lembra-se do que Laura lhe promettera, na penitenciaria, e de um salto atira-se ao pescoço de Hollander, estrangulando-o. Emquanto isto, Laura, em desespero simulado, brada pela policia. Vancour e seus soldados descem ao porão da casa, onde a scena se passa. Com effeito, lá está Hollander morto, de vertebras quebradas, e o louco, como uma fera, acocorado a um canto.

Ao presentir a policia, Phillip agarra Laura e tenta fugir com ella nos braços, mas Vancour dá-lhe uma descarga. O louco solta a mulher e atira-se contra o tenente. A luta que se estabelece é verdadeiramente horrorosa e certamente e official teria sido morto nas mãos do maniaco se um dos seus soldados não o tivesse prostrado com um tiro certeiro.

✣ ✣ ✣

— Madame Endicott, desta vez precisamos falar mais calmamente. Não se exaspere. Os crimes perpetrados nesta casa têm uma unica causa: "a sua pessoa". Quero que me declare, pois, os motivos que a levaram a tramar esta serie de tragedias.

— Senhor tenente, prefiro falar da nossa amisade... diz-lhe Laura com incrivel cinysmo. Desde que o senhor veiu para cá investigar o primeiro crime que eu o admiro e o senhor a fazer que não me comprehende.

—Deixemos de evasivas, Madame... quero saber dos motivos, da razão destes crimes.

— Motivos? pergunta ella. Talvez para assim poder tel-o sempre aqui, ao meu lado, a investigar novos crimes...

— Não responde ao que lhe pergunto?

— Já respondi, contesta Laura. Apesar de tudo, sei que o senhor ama-me ... isto é, nós nos amamos... Não me prenderá, portanto...

— Lá isso é que eu não lhe garanto, responde Vancour.

— Oh, seria terrivel, ver-me castigada pelo unico a quem já amei! Não seja ingrato, tenente; se quizesse, bem poderiamos fugir daqui esta noite, e irmos de mãos dadas á terra da felicidade...

— Iremos de mãos dadas, Madame, para a chefatura de policia!

(MURDER BY THE CLOCK)

Personagens

Tenente Vancour ..... Willam Boyd
Laura Endicott .... Lilyan Tashman
Phillip Endicott ...... Irving Pichel
Cassidy .... Regis Toomey
Jane .... Sally O'Neil
Mrs. Endicott ..... Blanche Friderici
Herbert Endicott .... Walter McGrail
Hollander .... Lester Vail
Miss Roberts .... Martha Mattox
Chefe de policia .... Frank Sheridan
Medico legista .... Frederick Sullivan
O delegado ...... Willard Robertson
O'Brien .... Charles D. Brown
O criado .... John Rogers
A enfermeira .... Lenita Lane
Official de justiça .... Harry Burges

Direcção de Edward Sloman — Film Paramount.

Clive Brook é um official inglez.

Warner Oland tambem figura, já se sabe.

Marlene...

SCENAS
DE
"SHANGHAI
EXPRESS"
DE VON STERNBERG.

A Paramount transformou a estação de San Ber nar d i n o numa estação chineza, para a filmagem.

A' CLASSE MEDICA E AO PUBLICO EM GERAL

Continuando a chegar ao nosso conhecimento, apesar dos annuncios que fizemos nos jornaes desta capital, que o individuo que diz chamar-se ADHEMAR PINTO DE CAMPOS, dizendo-se nosso viajante, angaria assignaturas de revistas medicas, nos Estados de S. Paulo, Minas e Paraná, avisamos á distincta classe medica e ao publico em geral que não conhecemos esse individuo, que não vendemos revistas medicas e que não temos viajante, não passando portanto esse individuo de um chantagista para quem pedimos as penas da lei, avisando, outrosim, que não nos responsabilizamos, pelos documentos e recibos passados pelo mesmo.

Rio, 16 de Novembro de 1931.

Pimenta de Mello & Cia.

Rua Sachet, 34.

Os melhores trabalhos Cinematographicos de 1931

(FIM)

forte, da vontade que domina a industria cinematographica de procurar dar ao publico melhores films e de, num num esforço digno de elogios, procurar servir ao mundo inteiro".

✣ ✣ ✣

Seguiu-se, após, a leitura dos melhores trabalhos do anno. Abaixo damos a lista das figuras que, pela votação dos membros da Academia, foram apontados como as melhores realizações do anno de 1931:

Marie Dressler, pela sua brilhante interpretação em "Lyrio do Lodo", (Min and Bill), Metro Goldwyn-Mayer.

Lionel Barrymore, pelo seu desempenho em "Uma alma livre" (Free Soul), Metro Goldwyn-Mayer;

Norman Taurog, director de "Aventuras de Skippy" (Skippy), Paramount;

Radio, pelo film "Cimarron";

John Monk Saunders, melhor escripto de uma obra original — "A Patrulha da Madrugada" (The Dawn Patrol), Warner-First National;

Howard Estabrook, melhor adaptação — "Cimarron" — da Radio;

Floyd Crosby — melhor photographia — "Tabú", Paramount;

Max Ree, melhor director artistico, "Cimarron", da Radio;

Paramount Publix Corporation — melhor trabalho em acustica;

✣ ✣ ✣

E o Cinema, essa reunião maravilhosa da literatura, da representação, da pintura e photographia, da decoração e architectura, vae assim, sempre e sempre, dando todos os seus esforços para que o mundo encontre na sua diversão predilecta — não, apenas, um simples recreio para o espirito — mas tambem a visão de coisas que não falem apenas aos sentidos, mas que toquem a alma e façam vibrar os sentimentos de Arte e de Belleza que cada um de nós possue.

Sally...

(FIM)

namoros e noivados. William Hawks fôra outro dos seus noivos. Mas William começou a se interessar muito por Bessie Love e Sally passou a namorar Eddie Sutherland. Depois veio Hoot Gibson. Mas Hoot Gibson soube captival-a. Numa festa em casa de Lewis Milestone, Hoot pediu-a em casamento e ella acceitou.

E foi assim que ella conseguiu os dois magnos successos da sua vida: — **Bad Girl** e **Hoot Gibson**...

Noites de Hollywood

(Continuação)

vadas pelo escandalo que as reportagens de um jornal originam. Frances Starr, H. B. Warner, Marian Marsh apparecem.

✣ ✣ ✣

Get Rich Quick Wellingford -- Metro Goldwyn-Mayer.

Um dos melhores desempenhos de William Haines, auxiliado brilhantemente por Ernest Torrence e Jimmie Durante, um comediante de "n a r i z grande e que está fazendo muito successo. Leila Hyams é o sorriso bonito que enfeita o film. São tres piratas que vão para uma cidade do interior, fingindo-se grandes capitalistas, afim de apanhar o dinheiro dos trouxas.

Bem dirigida, com momentos impagaveis, com William Haines, dentro do seu genero e, como nunca, esplendido. Esta mesma historia já foi filmada, ha muitos annos, pela Paramount com o titulo portuguez "Quereis Enriquecer depressa?"

✣ ✣ ✣

Unholly Garden — United Artists.

Ronald Colman deixou de ser o amante apaixonado dos tempos de Vilma Banky. Agora, é o ladrão, fugitivo da justiça e é, assim, que elle nos apparece nesta producção de enredo fantastico, mas que prende, em certos trechos, a attenção do espectador. George Fitzmaurice dirigiu e, como era de esperar, ha scenas que são verdadeiros quadros de composição e belleza pictorica. Estelle Taylor — seductora, como nunca, se mostra em algumas scenas, mais do que provocante... Esperem para vel-a. Fay Wray é a heroina e, no fim, Colman não se casa com ella... O final talvez não agradará aos "fans", mas está logico e bem feito. Ha lindas musicas que acompanham o film, ora em surdina, ora em scenas de dansa.

✣ ✣ ✣

Suzan Lenox, Her Fall and Rise — Metro Goldwyn-Mayer.

Greta Garbo e Clark Gable, juntos, num mesmo film! os "fans" já devem estar ansiosos para vel-os, como a mim succedeu, logo ao chegar a Hollywood. Uma vez ouvi certa pessoa dizer que Greta Garbo era sempre a mesma em todos os films. Essa pessoa deverá assistir a este film — nunca vi Greta Garbo tão differente de todos os seus passados trabalhos. Está linda, seductora, maravilhosamente bella. Depois — é o film em que ella sorri — o sorriso de Greta Garbo illumina a téla, em todo o principio feliz da historia de Suzan Lenox... As scenas na cabana de Clark Gable são trechos tão bellos, tão simples, tão naturaes que valem o film todo. Clark, em muitas scenas, chega a roubar o film da grande estrella... Elle cada vez está melhor e mais querido e popular aqui. Montagens bem cuidadas e elegantes, como acontece nos films da Metro. O film vale como direcção, interpretação, sobretudo. A historia de uma simplicidade unica chega a ser esquecida pela maneira porque Garbo e Gable vivem os seus papeis. Jean Hersholt tem um pequeno mais excellente desempenho. Photographia esplendida com effeitos admiraveis.

✣ ✣ ✣

An American Tragedy — Paramount.

Este é o discutido film, adaptado da obra famosa de Theodore Dreiser que propoz acção contra a Paramount, allegando que a companhia havia mutilado o seu livro e destruido o espirito da sua historia. Os tribunaes deram ganho de causa á productora, facto já noticiado por esta revista. Li o livro e vi o film — e agora comprehendo porque Dreiser não gostou. A obra é um volume grosso — complexo, cheio de capitulos e se a Paramount filmasse todas as passagens resultaria uma serie... Gostei, pela direcção de Von Sternberg, um dos meus directores predilectos, pelo trabalho de Phillip Holmes e Sylvia Sidney e pela brilhante interpretação de Irving Pichel, um artista novo mas que está admiravel no papel do promotor. A historia é sordida, immoral, no ponto de vista de certos moralistas — realista ao extremo e sincera em muitos dos seus aspectos. Ha photographia lindissima. E' entretanto um film discutido que agradará a alguns e a outros parecerá enfadonho. Tem, porém, belleza e esta qualidade é essencial a qualquer obra de arte.

(Conclue no proximo numero).

Mr. Fairbanks e o seu film

(FIM)

havia de Mexico em "Trader Horn", que fôra feito na Africa... De qualquer maneira, Hollywood é tão bom quanto o mundo todo para fazer-se um Film sobre "aventuras".

"Around the World in Eighty Minutes" não é absolutamente um grande Film e, sim, uma grande quantidade de cousas comicas, principalmente engraçadas quando a gente conhece bem esse negocio de fazer Films e a delicia divertida de brincar com um apparelho de som, o processo Dunning, as bibliothecas de shots" Filmados com antecedencia e processos varios de fazer "dubbing" para as vozes, tudo isto com ainda um pequeno espaço para variações musicaes.

E' claro que de volta ao lar e collocados diante do problema, Mr. Fairbanks e Victor Fleming, o director, juntamente com Hank Sharp, o operador, decidiram pôr mãos á obra e fazer o melhor possivel daquillo que nada mais fôra do que um agradavel passa-tempo. Tinham algumas gravações de notabilidades, algumas reaes aventuras nas mattas, alguns pequenos episodios no Japão e outras cousas semelhantes. Primeiramente estenderam a rêde e depois foram enchendo as fendas com apanhados de machina, ás vezes, mappas, em outras, e o perfil de Mr. Fairbanks e ás vezes tão esquerdos que com certeza foram expressamente escriptos para elle.

Quando havia, por acaso, um serio salto na continuidade, Mr. Fairbanks cobria-o com um apanhado interessante do mappa. Poderia ter havido, igualmente, em algumas passagens, um perfeito travesti na technica Cinematographica. Ha realmente trechos em que a tradição dos que fizeram o Film se mostra realmente curiosa, mas não é cousa que se perceba muito bem.

✣ ✣ ✣

Algo sobre o abandono divertido com o qual foi o conjunto inspirado, indica-o o facto de ter sido achada occasião, occasião muito curta, é certo, para a inclusão de Mickey Mouse. E' suppõe-se, algum tributo á United Artists e Mr. Joseph Schenck, com o qual Mr. Fairbanks esteve jogando golf em Lakeview esta semana. O correr da narrativa é tal que Mickey Mouse não causa surpresa alguma e nada a causaria, realmente.

Deve-se accrescentar que Mr. Fairbanks não tem illusões a respeito do facto de que elle já teve bem melhores dias de triumphos do que este. "Ex-rei e rainha" não são palavras estranhas para elle. Elle sabe e disse, mesmo, que a vinda do Film sonoro lhe fez mal.

— Num Film silencioso póde-se erguer a illusão de um super-homem. A voz, quando elles a ouvem, no emtanto, ahi a cousa é differente...

Disse elle. E terminou.

— Acho, ás vezes, que depois de um grande successo seria esplendido se houvesse um outro mundo, bem proximo onde a gente pudesse ir ser espectador, por alguns instantes...

De qualquer fórma, se homens vigorosos, experientes e certos no mundo dos Films conseguirem graduar-se no profissionalismo, com suas prosperidades e recursos, no terreno amador, o Cinema ainda póde conseguir um ambiente de arte defronte a elle. Os Films profissionaes são feitos com muita seriedade. O novo Film de Mr. Fairbanks, não.

PAUL LEIKAS
E VIVIENNE OSBORNE
CINEARTE

A Pasta Odol dá brilho e brancura aos dentes;
o Liquido Odol completa a hygiene da bocca
evitando a carie e perfumando o halito.
ODOL
Odol